

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
CURSO DE MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA

Vivências do Nascimento

Subjectividades da relação pessoa/espaco ambiental
Um estudo exploratório

ENTREVISTAS

Dissertação de mestrado apresentada por:
Maria Teresa Ortet



171340

Orientação:
Professora Doutora Constança Maria Sacadura Biscaia da Silva Pinto

(Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri)

Évora, 2008

Entrevista 1 – L

Duração: 0:40:15

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão	Habilitações Literárias	Idade gestacional
32	Meio rural	Técnica de farmácia	Ensino superior	40semanas

Agradeço-lhe ter acedido ao meu pedido para a participação neste estudo. Como disse anteriormente, apenas se pretende recolher informação relacionada com a vivência do nascimento no que se refere à interacção da pessoa com o espaço ambiental. Relembro que será resguardada a sua identidade. Como combinámos irei usar o registo magnético que poderá interromper em qualquer momento. Futuramente, quando a análise dos dados for feita o registo magnético será destruído.

Gostaria de começar por saber a sua idade.

Tenho 32 anos

Qual a sua profissão?

Sou técnica de farmácia e neste momento estou a fazer a gestão de um armazém de produtos farmacêuticos.

Onde habita?

A cerca de 40 km do hospital onde tive o bebé, numa localidade de nome V...

Alguma vez tinha tido um internamento naquela maternidade?

Não, nem naquela maternidade nem naquele hospital.

Quantas semanas duraram a gravidez?

Cerca de 40 semanas.

Foi o seu primeiro filho?

Sim, foi na primeira gravidez

Houve algum acontecimento que a tenha preocupado, durante a gravidez?

Tive alguns enjoos aproximadamente até às 16 semanas. Tive muitos, muitos enjoos, muitas náuseas e durante algum tempo os únicos alimentos que consegui comer foram sopa e fruta. Apesar de ter fome era só o que conseguia comer. Enjoei praticamente tudo nestas 16 semanas. Depois desta fase ultrapassada retomei a minha alimentação normal. De resto, não tive nada que pusesse em causa o meu bem-estar ou no do bebé...penso tudo ter corrido bem.

No fundo, a isso podemos chamar os desconfortos normais da gravidez. Não foi nenhuma alteração que pudesse comprometer a gravidez...

Não, não comprometeu, assim também como a parte final...a barriga depois cresce imenso, não é... os nossos movimentos também já não são os mesmos do que quando não temos a criança também se deve sentir com o espaço mais limitado e nós próprios também sentimos isso. Eu pelo menos sentia e era muito interessante. De dia estava muito calmo e durante a noite que à partida era o período em que eu ia repousar ele mexia-se muito. Recordo-me perfeitamente, como se fosse ontem. Entre as duas e as 4 da manhã era o horário em que ele gostava de mexer os pés, gostava de se voltar, lembro-me de sentir isso tudo, durante os últimos tempos da gravidez.

É então um momento que recorda com agrado...

Como se fosse ontem, com saudade e com agrado. Na altura eu pensei: é a própria natureza que nos está a preparar para o parto, ou seja, a criança nasce e temos de estar mais disponíveis, mais alerta durante a noite. Eu pensava desta forma...quando o bebé nascer eu já estou habituada a estar acordada a meio da noite porque ele não parava de mexer (risos...) e durante o dia andava muito calma. Mas... era muito interessante...eu gostei muito de estar grávida.

Lembra-se de todo o percurso que fez quando chegou ao hospital para o nascimento do bebé? Consegue lembrar-se daquilo que se passou depois de entrar no hospital?

Consigo lembrar-me, até mesmo a partir de casa. Eu, a partir da meia-noite comecei a sentir umas contracções muito ténues, muito simples... depois, por volta das duas e meia, três da manhã comecei a ter algumas contracções mais fortes. Eu não sabia... eu estava a 40km, não sabia se aquilo era uma situação de ir de imediato para o hospital ou não; por volta das 4 da manhã resolvi entrar no hospital: entrei pelo serviço de urgência, normalmente, entrei com a minha mala e disseram-me para me dirigir ao serviço de Obstetrícia. O meu marido ficou cá em baixo. Não o deixaram entrar nem subir. Portanto, ele ficou a aguardar os acontecimentos cá em baixo. Depois, eu entrei e fui pelo meu próprio pé no elevador. Quando cheguei cá a cima contactei com a senhora enfermeira que estava e que fez a admissão; fez a observação também e foi-me referido que a dilatação ainda estava muito...muito pequena. Portanto, o estado de dilatação estava muito reduzido, numa fase muito inicial do parto. Eu não sabia se já estava adiantado, se era para ir para o hospital. Penso que isso tem a ver com a experiência que eu não tinha. Portanto, eu nunca tinha tido um filho não sabia exactamente medir qual era o tempo certo de ir para o hospital. E, por outro lado era um pouco assustador saber que vivia a 40km e poder estar numa situação adiantada de parto e imaginar que podia ter a criança no meio do caminho e por isso eu não arrisquei. Portanto, eu senti algumas contracções de 20 em 20 minutos aproximadamente, mas julgo que também que não eram suficientemente fortes... eu, nessa

altura decidi ir para o hospital àquela hora e... mas pronto, o meu trabalho de parto estava de facto atrasado. Continuaram, as contracções continuaram e foi-me colocado nessa altura o...

O CTG?

Exactamente. Portanto, estava tudo normal e estive até às 8 da manhã nesta situação. Depois o meu médico veio ver-me e tive um grupo de enfermeiros, a partir das 8 da manhã muito bom...gostei muito do apoio...

A que horas entrou então?

Entrei por volta das 4 da manhã, exactamente. Portanto, estava apenas uma enfermeira no serviço. Só às 8 da manhã é que eu tive uma equipa de enfermeiros que me veio observar juntamente, com o meu médico. Foi – me dado occitocina e... e... a bisnaga que eu agora não me recordo do nome do medicamento que é o... prostim, não é?

É o prostim.

Prostim. Sei que me foi dado em tempos diferentes... não me recordo agora o que me foi dado primeiro, se o prostim se a occitocina; provavelmente o prostim e depois mais tarde a occitocina é que foi administrada.

Deixe-me esclarecer uma questão. Falou-me na admissão. Quando lá chegou e referiu o facto de ter ido às 4 da manhã, de o trabalho de parto estar ainda muito atrasado, de não ter essa experiência...de parecer que ainda iria demorar muito tempo...Na admissão o que é que mais contribuiu para o seu bem-estar? Daquilo que se lembra o que contribuiu para o seu bem-estar ou para a sensação de desprazer em relação àquilo que estava a viver...o que é que recorda que possa ter sido bom e que possa ter sido mau.

Eu, durante a admissão posso até ter tido uma ideia mais negativa, porque é assim... o factor positivo foi eu ter chegado a tempo, pronto; cheguei a tempo e estava tudo bem. A parte negativa, eu penso que tem mais a ver com o lado humano... porque eram 4 da manhã, estava atrasado, à partida foi-me dito que estava atrasado, poderia ter vindo mais tarde. Estava de facto atrasado, eu poderia de facto ter vindo mais tarde, isto foi-me dito. Entretanto, não me foi permitido avisar o meu marido que estava cá em baixo, no serviço de urgência à espera de alguma informação. Portanto, ele esteve pelo menos até às 8 da manhã e ninguém lhe disse nada. Só lhe disseram às 8 da manhã porque ele telefonou, pediu para telefonar para o Serviço de Obstetrícia para saber o que se estava a passar. E eu penso que... ou melhor, eu não gostei desse tipo de abordagem porque não havia necessidade de ele estar lá este tempo todo em tempo de espera...sem saber o que estava a acontecer, se estava a correr bem se estava a correr mal. Não me foi permitido sair do serviço, não me foi permitido telefonar para o serviço de urgência, mesmo a nível de telefone interno, não me foi permitido utilizar o meu telemóvel.

Portanto, eu fiquei ali presa, entre aspas, e eu penso que esta foi uma parte desagradável. E aqui, como eu já referi é a parte humana, portanto a parte da humanização... porque eu penso que uma pessoa não entra só para parir o filho, não é. Depois, há toda uma envolvente e...nomeadamente o pai da criança que à partida deve estar envolvido desde o início da gravidez e eu penso que ele aqui também teria o direito a saber que o parto estava atrasado e que ele poderia ir para casa descansado e sabia que eu estava ali em boas mãos. No fundo era um pouco isso.

Às 8 da manhã chegou um novo grupo de enfermeiras bastante simpático e penso que a partir daí as coisas correram bem, relativamente bem. Portanto, o meu filho nasceu às 2 e cinco da tarde... uma coisa curiosa também durante esse tempo; eu estava numa sala com 3 pessoas...eu não sei se estou a falar demais ou se me quer fazer alguma pergunta...

Eu estava numa sala de dilatação onde éramos 3 pessoas porque na semana seguinte ia haver um congresso e portanto havia muitos partos que foram... como é que se diz...

Antecipados?

Antecipados. Portanto foram provocados nessa semana. Estava tudo muito cheio. Eu fiquei na cama junto à janela; havia uma cama no meio onde a senhora estava muito aflita. Estava num estado mais avançado que o meu e estava mais aflita, penso eu que estava mais aflita; curiosamente estava outra pessoa do lado da parede que quase não se ouvia... (risos)

... (risos)

Era a pessoa que estava mais adiantada e a que não dizia nada, nem ai, nem ui... (risos) não sei se era por ser o terceiro filho. Eu achava curioso porque aquilo para mim era novo. Recordo-me que essa pessoa depois foi primeiro ter a criança... não se ouviu, foi um silêncio total. A senhora que estava no meio foi precisamente o oposto porque a senhora chegou aos 8cm de dilatação e não conseguia controlar-se e então, começou a gritar. Então, juntou-se um grupo de pessoal de enfermagem a toda a volta a tentar acalmar a pessoa porque a pessoa queria fazer força mas disseram que ainda não podia fazer porque ainda estava com 8cm de dilatação. Eu nessa altura estava um bocadinho mais atrasada e fiquei a pensar: meu Deus, será que isto vai acontecer comigo? Isto vai ser um pesadelo (risos). Entretanto, sei que mais tarde levaram a senhora para a sala de partos. A senhora gritou, gritou... a sala de partos ficava mesmo ao lado da sala de dilatação e a senhora gritou, gritou, gritou...ouviu-se por todo o lado os gritos da pessoa. Entretanto, o meu marido veio ter comigo porque é assim, no meio destas situações... a primeira pessoa teve uma criança e depois esta senhora entrou um bocado em estado de pânico e ninguém podia entrar no quarto. E o meu marido veio me ver; na altura eu tentava controlar-me

com a respiração e o meu marido viu-me com a boca toda seca e volta-se para mim e disse-me assim: “Estás cheia de sede. Vou imediatamente comprar-te uma garrafa de água.” (risos)

...(risos)

E... eu queria dizer-lhe que não mas não conseguia ter tempo entre as contracções. E até fiz um sinal para ele não comprar, eu queria tentar comunicar porque ele queria tentar fazer alguma coisa. Eu não queria beber água. Foi um período engraçado ficou comigo tipo 10m e depois teve que sair. A outra senhora da cama do meio de facto teve a criança; depois vieram observar-me e então disseram “olá... mas esta senhora já está aqui avançada”. E eu só perguntava: “Quantos centímetros de dilatação é que eu tenho, quantos é que eu tenho?” “Tem 6”, responderam. “Ora, ainda não cheguei aos 8...” (risos)...para mim os 8cm eram uma barreira que eu tinha que ultrapassar com muito sofrimento. Entretanto, tive uma senhora enfermeira que se aproximou mais de mim, que estava grávida também, também quase a ter o seu bebé e que, por coincidência tinha o mesmo nome que eu, e nunca mais saiu dali de ao pé de mim. Esteve o tempo inteiro, foi uma pessoa que me ajudou nos momentos de contracção em que eu penso que é extremamente importante ter alguém ao pé de nós para nos ajudar a controlar, porque eu acho que é muito fácil as pessoas se descontrolarem com as contracções que vão e vêm. Eu achei que era muito fácil mas, se me consegui controlar até ao final foi por achar uma enfermeira que vive ao pé de mim, deu-me de facto apoio, por coincidência estava grávida e tinha o mesmo nome que eu, ia ter o bebé no mês seguinte não sei se tudo isto contribuiu para me dar mais apoio; estive sempre ao pé de mim, deu-me imenso apoio até ao fim. Chegámos até ao fim, já se via a cabecinha do bebé e disseram-me. “Agora vamos para a sala de partos”. Então, fui para a sala de partos, acompanhada por essa enfermeira e por outra. E... fui a pé para a sala de partos, deitei-me e estava com imenso medo. Quando me disseram que o bebé já tinha uma parte da cabecinha de fora estava a ver que ele podia cair para o chão. Mas pronto, fui a pé, disseram-me que fazia bem ir a pé. Deitei-me depois na mesa onde o bebé nasceu e depois pediram-me para fazer força. Fiz força, fiz muita força uma vez o bebé não nasceu. Pediram-me para fazer muita força outra vez, o bebé não nasceu. Eu julguei que já não tinha forças para mais. Explicaram-me que o bebé estava mal posicionado e então eu fiz muita força (não sei como é que eu fui buscar as forças todas) muita, muita, muita força e o bebé acabou por nascer. Rasguei, sei que rasguei bastante. Entre pontos internos e externos foram 16 pontos que levei e lembro-me perfeitamente que fiquei com a minha perna direita sem sensibilidade. Eu tremia por todos os lados. Eu lembro-me de ficar a tremer muito. Era um misto de sentimentos...depois chamaram o meu marido que ficou ali à minha cabeceira e eu só lhe perguntava pelo bebé, como é que estava o bebé porque eu ainda não o tinha visto logo a seguir. Era aquela ansiedade

de saber se estava tudo bem. A primeira parte do corpo que eu vi do bebê foi o corpo dele... (risos). Deitaram o bebê em cima de mim mas com os pés virados para mim. Eu lembro-me de ver um pezinho muito pequenino (a voz transmite muita ternura). Pronto, eu tremia por todos os lados; lembro-me depois de ter frio e ao mesmo tempo eu não sentia a perna foi um misto de sensações. O momento do parto foi um misto de sensações: por um lado estava feliz, por outro estava preocupada se estava tudo bem... ahhh....uma grande mistura de sensações.

Disse-me que na sala onde fez a dilatação foi muito importante a presença de uma pessoa que a ajudou a viver todo esse momento e que a acompanhou para a sala de expulsão. Acha que a presença das pessoas que intervieram tiveram a mesma importância nas sensações todas que viveu?

Tiveram importância se calhar mais na parte final porque na parte em que me pediram para fazer força eu não conseguia pensar em mais nada porque que as contrações eram tão fortes que eu acho que não tinha tempo de pensar. Quando me pediam para fazer força eu fazia força e... eu lembro-me que eu não tinha tempo de pensar, portanto, se estava a ter apoio se não estava. Eu não tinha tempo de pensar. A minha preocupação era o bebê nascer e nascer bem, com saúde, nascer bem era essa a minha preocupação. Não estava preocupada com o meu bem-estar nem estava preocupada com o apoio. Eu não me preocupei nessa altura com isso. Penso que talvez... eu não tive o meu marido comigo na altura da expulsão. O meu marido só apareceu quando o bebê já estava cá fora. Só o chamaram nessa altura. Possivelmente podia ter sido importante a presença dele. Não posso avaliar isso como ele não esteve presente. Provavelmente ter-me-ia agarrado à mão dele e ficaríamos de mão dada, se calhar teria um impacto mais importante. Mas a presença dele em termos de profissionais de saúde talvez não porque aí eu penso que a parte mais importante era o bebê. Eu penso que os profissionais de saúde deviam estar mais com o bebê e ver se estava tudo bem, se ele tinha saído bem, se não tinha nada partido. Às vezes acontece partirem uma clavícula no momento da expulsão...essa parte eu preferia que os profissionais se preocupassem mais com o bebê. Pela minha parte, se o meu marido estivesse comigo provavelmente estaríamos os dois... ou eu apertava a mão dele ou agarraria na mão dele ou fazia alguma coisa desse tipo. Mas no momento da expulsão eu não conseguia pensar em nada. Depois sim, depois veio aquela mistura toda de sentimentos, de eu ter ficado a tremer queria saber se estava tudo bem com o bebê ou não...fiquei sem sentir a perna e pensei: bom devo ter ficado aqui com alguma parte do corpo paralisada (risadas)...eu lembro-me de ter perguntado ao médico obstetra se era normal eu não sentir a perna. Ele disse que era normal e que estava tudo bem. Lembro-me perfeitamente depois quando ele me coseu me dizer que ia fazer ponto de Arraiolos (risadas).

Acha que, voltando agora um bocadinho atrás, que em relação a todos esses acontecimentos, o que se lembra que possa ter tido mais interferência no seu bem-estar e nessas lembranças todas que esteve a descrever desde a admissão, dilatação e até à expulsão. Pensando no compartimento onde esteve, nos corredores que percorreu, nas salas onde andou as cores, as pessoas, os cheiros, a temperatura, as pessoas, o ambiente em termos de luminosidade, o que acha que possa ter tido mais interferência no seu bem-estar durante essa permanência nos três compartimentos: na admissão, nas salas de dilatação e expulsão.

Durante a admissão não considero ter sido muito positivo, é uma lembrança um pouco negativa que eu tenho precisamente pelo facto de...eu senti-me quase culpada por ter chegado ali às 4 da manhã e de estar num estado bastante atrasado de trabalho de parto.

Está a referir-se ao papel das pessoas?

Estou a referir-me ao papel da senhora enfermeira que me recebeu. Não considero que me tenha recebido propriamente com muita simpatia... por me dizer logo que estava muito atrasada, que não valia a pena ir logo a correr para o hospital àquela hora, pelo facto de não me ter deixado contactar com o meu marido que ficou sem necessidade nenhuma cá em baixo, no serviço de urgência, pelo menos 4 horas...foi até ele se lembrar de telefonar. A ideia partiu dele, telefonar a saber se eu estava bem ou não, não partiu do serviço. Esse é um aspecto negativo que tem a ver com a parte humana, com a parte do pessoal. O serviço estava calmo nessa altura; não interferiu em termos de bem-estar, a luminosidade também não até porque estava um dia de sol - lembro-me perfeitamente, estava um dia de sol. Acho que é um bom dia para se nascer, um dia de sol (risadas)!

Em termos de aspectos positivos. Eu refiro-me mais à parte humana, porque para mim a parte humana é aquela que eu considero mais importante, a envolvente humana. Porque nós...chegamos a uma altura em que não há muito tempo para estarmos a pensar se a cor das paredes tem alguma influência... eu penso até que a cor da parede era creme ou um amarelo muito claro...isso não mexeu com o meu bem-estar ali, quando estive ali. Mexeu mais a parte humana, a interacção entre os profissionais de saúde e o estado em que eu estava. Portanto, houve de facto inicialmente um aspecto um bocadinho negativo durante a admissão mas depois durante o tempo lá de trabalho de parto, portanto, tive a criança às 2 e 5 da tarde, ah...eu tive uma enfermeira que foi praticamente o oposto e me deu um apoio extraordinário. Olhe que se não fosse ela eu poderia ter-me descontrolado, tal como a senhora que estava a meu lado e olhe que eu estava com muito medo de me acontecer a mesma coisa porque a outra senhora quando estava a ter o bebé gritava "ó da guarda, acudam" e por aí fira, quando estava a ter o bebé (risos)

de ambas). E gritava isto muito alto e nas outras salas de dilatação que estavam ali à volta ouviam de certeza. Eram gritos enormes e...eu pensava, bem, se calhar vai-me acontecer o mesmo. Mas na altura quando as contracções são muito fortes não temos muito tempo para pensar em pormenores. Mas, tocou-me o facto de a senhora enfermeira que tinha o mesmo nome que eu me ter dado todo aquele apoio e esteve sempre ao pé de mim e...quando via que eu quase me descontrolava dizia “calma, agora respire, faça assim, faça assado” e eu fazia, portanto as orientações que ela me ia dando e as coisas correram bem. No fim foi uma surpresa quando me disseram “bem, agora vamos para a sala de partos...”. A bolsa das águas rebentou ainda na sala de dilatação e depois disseram “agora vamos para a sala de partos...”Eu pensava: “Eu já cheguei aos 10cm de dilatação?” “já, já chegou” e eu pensei “oh, eu já ultrapassei os 8cm” foi o que eu pensei. Os 8cm tinham ficado aqui memorizados por causa da outra senhora (risadas).

Voltando então ainda à questão do ambiente, à relação que estabeleceu com todos os elementos que o constituem – os objectos, as pessoas, a luminosidade, a temperatura, o ruído - houve então acontecimentos bons e acontecimentos maus?

Sim, sim.

Quer então repetir os acontecimentos bons e os maus?

Os bons e os maus, os menos positivos que eu há pouco referi como negativos. Os menos positivos: foi no acto da admissão eu ter sentido que de facto que não deveria ter ido logo a correr para o hospital e me foi dito que o trabalho de parto estava de facto atrasado. Portanto não valia a pena eu ter ido logo a correr, não é...esse facto, pronto, eu penso que em termos de compreensão, eu nunca tinha tido filho nenhum, não é, eu não sabia até que ponto...eu senti-me quase uma incompreendida (risadas). Eu pensei, eu nunca tive contracções, eu não sei se isto é muito se é pouco, eu nunca senti isto antes. Mas a forma como às vezes é transmitida a mensagem...podia ter sido dita de outra forma. Mas, se calhar a forma como às 4 da manhã me foi transmitida a mensagem. “...é muito cedo para vir, o trabalho de parto está muito atrasado, não devia ter vindo agora (simulação do tom de reprovação como foi transmitida a informação)”, chocou um bocadinho, sinceramente chocou um bocadinho...para quem vai para o hospital com alguma ansiedade, sabendo que é o dia mais importante da nossa vida porque vamos ter o nosso primeiro filho, choca assim um bocadinho. A outra parte foi: eu disse “bem agora eu vou ter que avisar o meu marido porque ele está lá em baixo à espera de alguma notícia, ele pode ir para casa, não vale a pena agora ficar à espera várias horas...” “não, não, você não pode agora sair daqui; agora está como se estivesse presa”. E eu pensava mas como é que eu o posso avisar se não posso utilizar o telefona interno? Até há pouco tempo eu tinha trabalhado no

hospital e conhecia minimamente os serviços hospitalares. Eu não posso utilizar o telefone interno, não posso utilizar o telemóvel porque havia alguns aparelhos que estavam a funcionar naquela zona – o CTG – poderia haver alguma interferência...”não, não, não pode haver qualquer tipo de contacto, se houver algum problema deixe que eles desenrascam-se”, era mais ou menos este tipo de conversa. E eu pronto, fui para a cama, senti algumas contracções e depois, como eu disse, a partir das 8 da manhã então...

As coisas mudaram...

Exacto, as coisas mudaram porque tive uma equipa que me apoiou. Para além de me terem depois administrado aqueles dois medicamentos, foi mais para acelerar o trabalho de parto. E depois, tive na parte final a boa... em termos de melhor, em termos de assistência foi ter uma senhora enfermeira com o mesmo nome que eu tenho, que ia ter a criança no mês seguinte. Foi extraordinário e eu nunca mais me esqueci (manifestação de contentamento) da cara desta pessoa. Nunca mais me esqueci, nunca mais esqueci aquele momento porque quando nós estamos numa situação de... nunca passámos por essa situação pode ser assustador porque eu tinha vivido...eu tinha estado a acabar de viver uma situação perto de mim em que a pessoa não se tinha conseguido controlar, e a pessoa anterior tinha conseguido controlar-se lindamente: a primeira pessoa que tinha tido o bebé tinha conseguido e a segunda não. E depois, haver um monte de pessoas a dizer assim: “a senhora tem de se conseguir controlar, a senhora não pode fazer força”. E havia uma pessoa a gritar e outra a dizer “não pode fazer força, não pode fazer isso” e eu acho que a senhora estava a ficar cada vez mais nervosa. E...pronto, daí o meu receio de atingir os tais 8cm de dilatação e eu pensava “bom, a partir dos 8 é que isto vai ser mesmo... (risos...) mas não, eu penso que não passei por isso graças a essa pessoa que me ajudou e que foi excepcional, foi espectacular.

E no final, o que é que foi assim tão bom acima de tudo? De toda essa experiência que teve o que é que recorda com mais agrado?

Foi quando puseram o bebé em cima de mim...muito rosadinho...tão...sempre tão indefeso...Depois, quando eu me dirigi para a enfermaria aí é que eu vi mesmo a cara do meu filho. Eu lembro-me que eu ia com muito frio, que o puseram com muita roupa em cima de mim. Eu olhei bem para a cara do meu filho e eu pensei: “será que eu vou conseguir ser mãe?”. Eu senti o peso da responsabilidade em mim. Depois, ele foi colocado ao meu lado, mamou imenso e depois caímos os dois num sono profundo (risos...) eu gostei muito, gostei muito...acho que foi a parte que gostei mais foi de estar com o meu filho, de estarmos os dois; ele a mamar logo a primeira vez, mamou logo e ficámos os dois caídos cada um para o seu lado num sono profundo. No fundo estávamos os dois muito cansados. Foi um dia cansativo para nós os dois...

Foi num dia de sol?

Sim, foi um dia de sol! Lembro-me que estava muita gente, eu acho que já não via ninguém à minha volta. Eu estava com ele, pronto, com 50cm de gente (risos) foi uma delícia; essa foi a melhor parte do processo todo: tê-lo ao pé de mim.

Há mais alguma coisa que me queira dizer, de toda essa experiência, de todas essas lembranças?

Não. Eu penso que foi o dia mais importante da minha vida. Acho que para qualquer mulher é. Eu tive um, outras mulheres têm mais. Eu acho que é uma maravilha a gente poder gerar um filho. Acho que é tão importante saber que aquele bebé se desenvolveu dentro de nós, que se alimentou através de nós aquele tempo todo. É um momento muito importante, é um momento mágico, é muito importante. Na parte final, a preocupação é saber se está tudo bem com o bebé. Quando nós vamos para a sala de partos - não fiz epidural o parto foi natural – eu não me preocupava se ia ter dores, se não ia ter dores. Quando me disseram que ele estava mal posicionado fiquei um pouco preocupada. Eu estava tão cansada que eu achei que ia ter dificuldade em fazer tanta força que o pudesse prejudicar ou que não tivesse força suficiente para ele poder sair e que o pudesse prejudicar depois na expulsão. Naquele momento a minha preocupação era o bebé se ele ia nascer e se ia estar tudo bem com ele. Eu acho que esqueci. Esqueci-me um bocado de mim, eu queria é que ficasse tudo bem com o bebé. E aquele momento de ternura que eu não esqueço; está aqui mesmo a minha frente mesmo pequenininho, um centímetro, deste tamanho, não vou esquecer este pezinho nunca mais.

Muito obrigada pela sua participação.

De nada. Eu espero que, de alguma forma, tenha podido ajudar.

Ajudou muito, obrigada.

Entrevista 2 – J

Duração: 0: 17: 22

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão	Habilitações Literárias	Idade gestacional
28	Meio urbano	Telefonista	Ensino superior	40semanas

Depois de termos falado acerca das formalidades da entrevista agradeço a sua participação. Relembro que será confidencial e que a finalidade da entrevista é a recolha de dados para conhecer a “vivência do nascimento no que se refere à interação da pessoa com o espaço ambiental”. Iremos usar o registo magnético que será destruído após a transcrição da entrevista.

Sim.

Que idade tem?

Vinte e oito

É a sua primeira gravidez?

Primeira

Qual é a sua ocupação?

Sou chefe de equipa num centro de atendimento telefónico de uma companhia de seguros.

Qual a sua formação académica

Eu estou a terminar o curso de Português-Inglês, agora está um bocadinho parado, não é? Mais tarde tenciono retomar e acaba.

Onde reside?

Em A... no centro da cidade.

Quantas semanas durou a sua gravidez?

Quarenta.

E houve algum acontecimento durante a gravidez que possa ter perturbado o seu normal curso?

Não. Correu tudo bem. Foi um período muito calmo mesmo. Não houve qualquer problema, correu tudo normalmente.

E a experiência da gravidez quer me contar como foi?

Se toda a gente tivesse uma gravidez como eu tive esta a população aumentava muito. Foi muito calma nunca tive enjoos nunca tive qualquer perturbação, só no final é que comecei a inchar um bocadinho. De resto, foi muito calma.

Foi uma experiência que pode considerar como gratificante?

Foi uma experiência muito boa, muito gratificante. Eu acho que se pudesse engravidava já outra vez (risos)

É muito bonito ouvir dizer isso!

Porque gostei mesmo muito...

Ficou satisfeita com o seu desempenho?

Sim fiquei. Só tive pena que depois o parto não fosse normal. De resto, com a gravidez fiquei muito satisfeita.

Alguma vez esteve internada naquele serviço?

Não foi a primeira vez. Correu tudo bem, mesmo muito bem.

Antes de entrar para o nascimento do bebé já conhecia o espaço?

Já lá tinha ido visitar alguns bebés que tinham nascido.

Sim.

Era esse o espaço que eu conhecia e não estava lá muito agradada porque aparentemente havia muito menos privacidade... mas depois, quando lá estava não me pareceu assim tão mau.

Digamos que a experiência que tinha tido em termos da visualização do espaço como visitante foi diferente daquela que obteve quando lá chegou como parturiente.

Sim. Quando lá estive a visitar achei que aquilo era... que não havia privacidade nenhuma que estavam ... eram três pessoas em cada quarto com os bebés e não, não gostei muito. Já tinha visto as salas de dilatação e achei que havia muito pouca privacidade. Mas depois, na experiência, achei completamente diferente e já não me senti assim tão invadida, com tão pouca privacidade e se calhar também porque já não me estava a importar com isso.

Então nesse caso já que estamos a falar nesta questão do parto lembra-se como decorreu o seu parto?

Eu fui para lá às nove da manhã para o parto ser induzido porque ela não tinha descido, não queria nascer e também porque no CTG começou a acusar qualquer coisa. Era ela que estava com desacelerações cardíacas e depois foi cesariana de urgência com anestesia geral. Portanto, não me lembro de nada.

Então, quanto tempo é que esteve em trabalho de parto?

Eu não cheguei a estar em trabalho de parto. Estive lá, colocaram-me o gel e puseram-me soro mas não cheguei a ter contracções. Acho que tinha para aí dois dedos de dilatação quando fui para o bloco.

Então, começou a fazer a indução.

Sim, sim ainda comecei. Ainda estive lá umas três horas e depois é que a obstetra que lá estava de serviço achou que era melhor ir fazer cesariana.

Portanto, nessas três horas ainda deu para se relacionar com o ambiente que a rodeou. Disse-me que ficou surpreendida com alguns aspectos, nomeadamente com a questão da privacidade. Pareceu-lhe que, quando ia de visita, não havia muita privacidade; mas, quando lá esteve internada sentiu que afinal já não era bem assim. Quer explicar-me um bocadinho melhor?

Primeiro, eu estava sozinha no quarto. Estava lá deitadinha, até dormi e tudo. Depois, chegou outra rapariga e sempre que era necessário a enfermeira observá-la ou fazer qualquer coisa pedia às visitas para saírem e fechava a cortina. Achei que isso sempre preservava um bocadinho a nossa privacidade. Acho que é um momento muito íntimo...achei que essas pequenas atenções nos garantiam maior privacidade.

Portanto, para si é importante esta questão da privacidade naquele espaço.

É porque acho que é um momento só meu e porque acho que só devo partilhar com quem eu quero partilhar e não com outras pessoas.

Quando entrou ao serviço houve um espaço que percorreu em primeiro lugar: a sala de admissão.

Sim. Fui observada, fizemos a ficha de admissão; depois, fui para a sala de dilatação à espera...

E nessa sala de admissão o que sentiu relativamente ao ambiente ou seja, à privacidade, cores, pessoas, ruído, luminosidade, temperatura. Lembra-se?

Eu estava lá sozinha com a enfermeira mas achei que era uma sala um bocadinho... muito triste. É tudo muito velho tudo muito velho mesmo... os armários... Depois, a enfermeira teve de sair e eu fiquei lá um bocadinho sentada. Estive a olhar para o chão: acho que precisava já de muitas obras, acho que é muito pouco alegre...

Pensa que esse sentimento de tristeza foi despertado por algo em concreto?

...porque era tudo muito velho tudo já muito desgastado e as cores muito esbatidas. Depois, nos quartos e na sala de dilatação já não era assim era tudo muito mais...acho que fizeram obras ou assim. Mas aquela salinha não, era mesmo muito triste.

E em relação aos outros aspectos: temperatura, objectos, ruído... Sentiu que nessa sala mais alguma coisa pudesse interferir com o seu bem-estar?

Naquele dia não estava muito calor apesar de não haver ar condicionado. Ainda estive lá um bocadinho mas não foi muito; foi só o tempo de preencher a ficha, de mudar de roupa e ser observada.

Durante o tempo que ali permaneceu o que sobressaiu mas do ambiente?

Aquilo é tudo muito velho muito gasto... Estava lá um biombo que a tinta a tinta a saltar e isso dá assim um aspecto um bocadinho triste, um bocadinho decadente...

Entretanto, foi para a sala de dilatação onde lhe fizeram a indução como já me disse. Já me falou também na questão da privacidade que para si foi importante. Agora, nessa mesma sala e durante o tempo que lá permaneceu (mais ou menos duas ou três horas) como se relacionou com o ambiente: as pessoas, o ruído, a temperatura da sala, os objectos, a luminosidade...

Tudo muito calmo. Eu sentia-me bem no quarto...é todo branco, tinha luz e transmitiu-me muita paz! Estava muito calmo naquele dia. Eu sei que havia lá muitas grávidas porque quando entrei pela urgência estavam lá pelo menos mais três. Mas estava muito calmo não havia barulhos, muito calmo.

A que horas entrou?

Entre às nove da manhã.

De uma forma global, durante a sua primeira entrada naquele serviço lembra-se dos acontecimentos que possam ter envolvido o trabalho de parto, que tenham tido importância e que queira relatar.

Eu estive lá cerca de três horas mais ou menos. Estava sempre alguma enfermeira a verificar o CTG a falar comigo a perguntar se queria ir à cada de banho se estava bem achei que fui muito bem cuidada porque eu estava ali e não me podia mexer muito, não é? Acho que as pessoas que lá trabalham são muito atenciosas, principalmente as duas parteiras que lá estavam andavam sempre a "correr" as camas todas...

E em relação aos restantes elementos da equipa como foi o relacionamento

Bem, só tive obstetra quando a enfermeira achou que havia algum problema no CTG. Foi lá uma vez estive a ver e passados cinco minutos voltou; dois ou três minutos depois regressou e, a partir do momento em que acharam que eu precisava mais estiveram sempre lá. Eu acho que foram muito atenciosos e muito rápidos. Foi em cinco minutos e ela nasceu. Felizmente ela não precisou de nada mas se tivesse precisado se calhar esses minutos tinham sido vitais não é?

Outros acontecimentos que tenham interferido no o seu bem-estar?

Estava tudo tão calmo naquele dia. A rapariga que entrou para o mesmo quarto comigo não fez preparação para o parto. Gritava muito, mas não... compreendi porquê. Mas não me angustiou não, não me provocou nada... nenhuma sensação negativa.

Portanto a presença, de outra pessoa naquele espaço que teve de partilhar com outra pessoa foi algo que interferiu no seu bem-estar

Interferiu mas não no sentido negativo. Como eu também não passei pela experiência do parto o que vi nela se calhar era aquilo que eu ia passar...mas ela esteve lá uma hora ficou despachada. Ela entrou já não sei com quantos dedos de dilatação e então numa hora que lá esteve ficou com dez dedos e foi para a sala de partos

Ainda assistiu a tudo?

Assisti e como não tive um parto normal se calhar foi bom ter visto porque se não, não saberia o que é que era aquela intervenção toda das parteiras: a fazerem a observação, a darem instruções para fazer força ali...a explicarem que o bebé ainda não tinha descido, isto é, aquelas coisas mais faladas da preparação para o parto eu não tive em mim mas vi nela e se não tivesse sido assim não tinha vivido essa experiência, embora através de outra pessoa.

Em termos globais quais os aspectos positivos e negativos desta experiência relacionada com o parto?

Eu acho que foi mais angustiante por ter sido cesariana porque eu ainda me assustei muito e também porque a recuperação foi um bocadinho...as horas que passei no recobro foi um bocadinho doloroso. Eu nunca tinha sido internada, nunca tinha feito qualquer operação, nunca tinha levado anestesia e não sabia o que é que me esperava. Assustei-me um bocadinho quando não conseguia respirar não me conseguia mexer, assustei-me. Mas o fim, foram só aqueles momentos. Quando vim para cima quando fui para o quarto e depois o período em que as visitas tiveram que sair o pai teve que sair porque já tinha terminado a hora eu ainda não me tinha levantado e eu achei que tinha que ficar deitada o resto da noite. Então a minha preocupação era saber como é que eu iria tratar dela se não me podia levantar. Nessa altura comecei a entrar um bocadinho em pânico e disse para ele a deitar ao pé de mim pelo menos podia-lhe dar mama. Mas depois a enfermeira foi lá levantei-me, fui fazer a higiene, mudei de roupa, pronto fiquei bem.

O seu marido esteve presente durante o trabalho de parto?

Ele foi lá várias vezes. Acabou por não ser trabalho de parto pois eu estava a dormir.

Não chegou a entrar em trabalho de parto mas considera a presença dele influenciou no seu bem-estar?

Na altura em que me disseram que tínhamos de fazer cesariana ele não estava lá e eu comecei com a angústia de achar que ela podia ter algum problema e por estar lá sozinha comecei a chorar. Eu sabia que assim que ele chegasse e chegou, por acaso. Ele chegou mesmo na altura em que estavam a levar-me e pronto, acalmei-me. Foi muito importante ele estar ali. Eu sei que ele estava muito assustado e que devia estar nervosíssimo mas ele dizia-me "tem calma, vai correr tudo bem" e acalmou-me.

Eu estava muito assustada e olhava para ele e via que ele também estava assustado. Mas acalmou-me muito a presença dele.

Há mais alguma relacionada com a sua experiência que me queira transmitir?

Eu acho que foi muito gratificante a gravidez toda e agora ser mãe. Eu queria ter filhos mas não queria que fosse já e fui deixando andar. Só agora é que tomámos a decisão de ser pais. Mas se eu soubesse que era assim já tinha tomado há mais tempo é mesmo bom fiquei muito agradada com a experiência.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Entrevista 3 – M

Duração: 0: 46: 41

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão	Habilitações Literárias	Idade gestacional
28	Meio rural	Enfermeira	Ensino superior	38 semanas

Quero agradecer ter-se disponibilizado para participar neste estudo que, como lhe disse, pretende conhecer a vivência do nascimento no que se refere à interação da pessoa com o espaço ambiental. Relembro a garantia de confidencialidade no que respeita à sua identidade. Iremos usar o registo magnético que será destruído após a transcrição da entrevista.

Com muito gosto.

Que idade tem?

28 anos.

Qual é o seu nível de escolaridade?

Sou licenciada em enfermagem

Onde tem vivido até agora?

Numa aldeiazinha, no distrito de X..., que se chama M...

Relativamente à gravidez: foi a primeira?

Foi a primeira gravidez e foi uma gravidez planeada.

E quantas semanas durou?

Trinta e oito

Como é que decorreu esse período da vida?

Foi uma gravidez planeada e também em termos de desconfortos nunca tive nada que me perturbasse muito. A gravidez em si correu sempre muito bem apesar, de em termos familiares, ter uns problemas já crónicos. Mas acho que a gravidez em si foi vivida um bocadinho...vivi tudo sozinha mas foi uma experiência que me marcou positivamente e gostei muito...de estar grávida. Eu nunca vomitei, nunca tive náuseas; quando o bebé começou a mexer fiz uma festa...portanto, vivi tudo, com alguns problemas pelo meio, a nível familiar mas a gravidez em si foi sempre motivo de alegria e... como foi planeada, talvez por isso, mas acho que gostei muito de estar grávida. O único desconforto que tive foi numa vez que tive azia, já tinha a barriga um bocadinho grande, andei a carregar umas caixas e fiquei com azia, porque em termos da gravidez nunca tive aqueles desconfortos que são habituais. E a experiência da gravidez em si

gostei muito de acompanhar a gravidez; as ecografias, chorava sempre que via as ecografias...acho que foi uma experiência muito positiva.

Então, foi um momento bom da vida e que recorda com bastante agrado.

E com saudade. Sempre que vejo um bebê pequenino fico sempre com saudade. E a gravidez em si às vezes ouço outras mulheres falar sobre o que sentem e penso: oh meu Deus, a mim coreu tudo tão bem.

Falou-me nalguns acontecimentos que podem ter sido perturbadores. Que relevância tiveram na vivência dessa experiência, a nível emocional, no que se refere à gravidez.

Ficava sempre muito feliz com os pontapés do bebê, com as ecografias, pronto com todas essas situações, mas vivi tudo muito sozinha. Foi por isso que há bocado referi que houve aspectos menos bons.

De qualquer modo, como disse há pouco, foi em momento feliz.

Sim, sim, aliás, fazia parte dos meus planos, tal como a segunda gravidez, que antes dos trinta anos teríamos mais um filho. No entanto, não se concretizou mas era uma “coisa” que eu gostava de ter... mais outro filho. Pronto, até agora ainda não se proporcionou. Mas não só pela experiência em si mas porque gostava mesmo de ter outro filho.

Em relação ao hospital onde ocorreu o parto: houve algum internamento anterior na maternidade?

Não, não...

Portanto, não havia experiência anterior nem nenhum conhecimento daquele serviço?

Já tinha estado naquelas salas.

Já conhecia aquelas salas?

Conhecia por causa do estágio. Fizemos um estágio no Curso de Enfermagem: observação de dois dias em que vi por acaso dois partos, mas em termos de estar internada, isso não.

Agora, em relação ao parto: como foi a vivência de todos aqueles acontecimentos?

Em primeiro lugar, a data provável do parto era dia 1 de Junho, dia da criança, e eu gostava muito que fosse nesse dia. Quando o doutor me disse que seria nesse dia eu fiquei logo toda radiante. E dia 1 de Junho tive a perda do rolhão mucoso. Apesar de eu saber e ter combinado com o médico obstetra que só iria ao hospital caso houvesse ruptura da bolsa ou dores, mas eu fui logo naquele dia. De manhã, acordei, vi logo que tinha um pequeno sangramento e... hoje é dia 1 de Junho... agarrei nas malas e... Também tive um pequeno dissabor em casa... é pouco importante aqui para a entrevista... pronto na altura a situação com o pai do meu filho não era muito boa e... ele, por pouco não queria ir comigo para o hospital. Pronto, como andávamos assim um bocado “embroncados” tivemos quase para pedir a outra pessoa que me levasse ao

hospital. Mas ao fim e ao cabo isso acabou por não me influenciar muito...depois passou e eu estava muito com vontade de o ter naquele dia. Geralmente, as mulheres têm todas muito medo mas eu estava desejando...que acontecesse. O meu filho teve logo nome ainda não se sabia se era rapaz se era rapariga e, portanto, estava desejando conhecer o meu filho. Sabia que tinha de passar ali um mau bocado mas, estava desejando que o momento acontecesse e como aconteceu no dia que estava previsto fiquei radiante. Cheguei ao hospital, entrei pela urgência e mandaram-me logo subir para o terceiro piso para o serviço de obstetrícia. Fui observada pelo doutor que me fez uma ecografia e perguntou: “Não combinou com o seu médico que só viria se tivesse ruptura da bolsa?” “Pois, combinei (risos) mas como tive esta perda” (ele percebia que tive a perda do rolhão e que isso me fazia um bocado de confusão). Mas como fiz a ecografia, também fiquei um bocadinho assustada por causa disso disse-me que eu tinha pouco liquido amniótico e, apesar de...que iria deixar-me ficar aquele dia, era um Domingo, dia 1 de Junho era um Domingo...que iria ficar esse dia internada lá no serviço, porque no dia a seguir iria entrar o meu médico obstetra e depois ele logo me diria se me fazia o parto ou se me mandava para casa mais uns dias. Portanto, eu fiquei logo muito assustada porque ele me disse que tinha muito pouco líquido e não sei o quê e que o bebé iria ficar lá, pronto, em observação...só que eu entretanto, fiquei na sala de dilatação...pronto, fiquei mesmo naquela sala onde se faz a dilatação. Entretanto, a meio da tarde tive ruptura da bolsa. Chamei as enfermeiras, estiveram a observar e então comecei logo com umas pequeninas dorezinhas, ainda muito... ainda almocei e... era aí por volta das 4 da tarde, 4 /5 horas tive aquela perda e...estou a ficar incontinente? (risos). E depois, por acaso, puseram-me logo o CTG que é uma coisa muito desconfortável e assim estive o resto da tarde e a noite toda. Depois eu virava-me e aquilo começava tudo a apitar e... pronto. As dores: nunca fiz um trabalho de parto...as minhas dores foram sempre muito seguidas. Há aquelas que dizem que têm aqueles momentinhos entre uma contracção e outra; eu tinha sempre dores, sempre seguidas, sempre, sempre, sempre. E as enfermeiras também não me animavam muito porque quando lá iam diziam: “...mas isto não são contracções para parir...” e eu pensava “...mas se isto ainda não é para parir como será então...”. Mas pronto, apesar de não ter feito preparação para o parto tentei controlar a respiração, mas estava com a boca seca e caca vez tinha mais sede...e pronto, depois passei a noite toda e as dores foram-se intensificando e não me deixavam descansar. As dores eram na barriga e irradiavam para as costas e...depois, passou-se o dia 1, começou o dia 2 (risos). O bebé não nasceu no dia 1, trocou-me as voltas e depois, por volta das 9h da manhã as colegas vieram fazer a observação e disseram que estava atrasado, que aquelas dores ainda não eram para parir e eu pronto, pensei...bom...lembro-me de pensar isto várias vezes “...se estas custam a aguentar

imagino como serão as outras...”.O meu corpo parecia que se ia partir todo. Depois, entretanto, o meu médico obstetra chegou às 9h reconheceu-me logo e veio falar comigo e pediu-me para fazer força como se quisesse defecar e eu comecei a fazer força como se fosse para evacuar. E quando ele me foi observar disse que já conseguia ver a cabeça do bebé. E, lá fui eu para a sala de partos e... e pronto. Depois tive ali um bocadinho de dificuldade em coordenar a forma como eles queriam que eu fizesse força porque temos que agarrar numas, como é que se chama...

...uns varões, umas pegas...

Sim, uns varões. E em vez de fazer força para trás eu empurrava aquilo. Mas depois, quando apanhei o jeito fiz força na perfeição (risos)...e... uma coisa que eu me lembro: também tinha duas enfermeiras, uma de cada lado, e eu estava a pensar “elas estão mesmo aqui a preparar-se para me saltarem para a barriga, estão mesmo aqui...estou mesmo a ver... Mas, eu fartei-me de fazer força porque ele me dizia “quando tiver vontade faça força...” Mas eu estava sempre cheia de dores, porque eu tive sempre dores seguidas. E entretanto eu fiz duas vezes força e por acaso como percebo um bocadinho disto tenho a perfeita noção que o médico me ajudou um bocado. Não é que eu lhe tivesse pedido nada (risos) porque eu acho que eu era capaz de resolver a situação e colaborar o que tivesse que colaborar. Lembro-me de ele ter feito aqueles passos, fez a episiotomia, puxou-me a criança com ventosa. Eu na altura sangrava dos lábios. Sangrava, sangrava, sangrava porque estavam secos, a minha boca sabia a sangue – não me vi ao espelho mas devia estar engraçado E eu disse: “ai doutor, estou tão cansada...” e ele respondeu “então vá que isto vai correr tudo bem” (isto foi antes de eu subir para a marquesa) Mas eu vi os passos todos que ele deu... depois conheci o Henrique e fiquei logo toda contente, ainda chorei um bocadinho e tal... Entretanto, lembro-me de dizer: “Ai que o meu bebé não chora!” Pronto, tinha aquela ideia porque nos partos que vi os bebés fartaram-se de chorar. Ele tinha de chorar bastante e pronto. Ele não chorou nada. “Vai lá buscar o bebé...”, disse o médico, e chamou-o logo pelo nome “vai lá buscar o Henrique para ela ver...”E pronto, ainda fiz o comentário “como é possível ter tantas dores!” Na expulsão não se sente nada, como é possível ter tantas dores e no segundo a seguir eu não sentia nada. Um as dores tão horríveis e logo no segundo a seguir não se sente nada. Como é que é possíveis umas dores tão horríveis e...no segundo a seguir, eu não sentia nada, pronto! As dores...não tinha dor nenhuma.... Um as dores tão horríveis e num segundo não se sente nada. Eu pensei: “bom, fica-me a doer um bocado ou qualquer coisa...” mas as dores passaram completamente e fiz esse comentário: no segundo a seguir não se sente nada. Portanto, fui suturada. Fiz logo um telefonema porque a minha mãe não me atendia... a minha mãe já devia andar lá com as vizinhas. Não estavam em casa e...depois liguei para a minha sogra, sei que a minha mãe não me atendia e eu: “onde é

que ela anda? Já anda para lá a dar a novidade a toda a gente. E então, o pai do meu filho também assistiu ao parto. Tinha as mãos geladas... (risos) também me lembro de ele me ter dado a mão e eu disse “vê-la se não é melhor sentares-te...” porque tinha as mãos completamente suadas, geladas, estava um bocado branco mas também se aguentou e não caiu para o lado. E as nossas colegas no final deram-me os parabéns. E eu fiquei muito vermelha porque eu já tenho esta característica...e lembro-me de elas me dizerem “...ai você está tão vermelha...parece que está quase roxa...”. Da força que fiz... eu fico logo vermelha e naquela situação a fazer muita força, fiquei com a minha cara toda a arder... e as minhas colegas comentaram isso. Não sei se é importante ou não mas uma vez que tem a ver com o ambiente...Também quando eu estava lá na sala de parto agarrada àqueles manípulos a fazer força também fui ouvindo a viagem de férias do doutor, fiquei a saber como é que ele passou as férias, a contar às nossas colegas como é que tinha passado as férias também foi...para mim na altura...acho que ainda me lembro do sítio, o resto da conversa não me recordo. Mas pronto, acho que o trabalho de parto em si, a quantidade de horas que tive desde as 4 da tarde ou 5 até às 9 horas da manhã foi um bocado complicado porque tive muitas dores que não me deixavam descansar. Sempre dores, sempre dores, sempre dores. E, mas de resto posso dizer que correu tudo bem, é o importante principalmente para o bebé. Portanto não...também durante o trabalho de parto, aliás depois de o médico me suturar fez-me aquela expressão para a dequitação não é assim?

Sim, sim...

...já depois de eu estar “saturadinha” e...aquilo houve para lá qualquer coisa que abriu novamente e tive que ser suturada duas vezes. Mas pronto, não senti nada e não foi coisa que me incomodasse muito. Vi que ele primeiro suturou e tal e depois é que veio fazer a expressão, e depois...ele não me disse nada. Eu não estava a ver mas estava a aperceber-me daquilo que se estava a passar. Portanto, fui suturada duas vezes, mas pronto. De resto...o bebé foi logo comigo para o quarto, fiquei assim toda contente. E depois, como as dores passaram logo num instantinho aquilo até correu bem. Ainda tive ideias de pedir a epidural de que agora se fala tanto.

Foi uma experiência intensa que correspondeu àquilo que estava à espera?

Foi, nunca tive muito medo. Geralmente há um mito à volta do parto...mentalizei-me logo que ia ter dores. Não fui para lá com a expectativa que não me ia doer nada. Sabia que tinha de passar...e principalmente eu tinha de colaborar para que as coisas corressem bem. Portanto era uma parte muito importante para que as coisas corressem bem era que eu colaborasse, foi aquilo que eu procurei fazer. Portanto, acho que correspondeu às expectativas que eu tinha. A

parte em que me vinham dizer que as contracções que eu tinha não chegavam para parir; mas houve ali uma fase em que elas aumentaram mas depois manteve-se. Eu posso dizer que não descansei um minutinho. Eu tinha sempre dores, sempre dores, sempre dores. Mas a intensidade chegou àquele limite e depois não aumentou muito mais e por isso é que eu pensava: "se as outras ainda são mais fortes..." "Aí é que eu pensava: "não vou aguentar mais..." Mas pronto, não aumentaram muito mais e portanto...passou-se

Esteve acompanhada durante o trabalho de parto? Alguma pessoa de família?

Sim, estava lá o pai do meu filho, entrava estava um bocadinho e depois saía...depois estive lá grande parte da tarde comigo. À noite ele esteve sempre lá no hospital mas nunca entrou e depois de manhã foi logo ter comigo. Quando o médico chegou já ele lá estava...Pronto, portanto, eu estava cheia de dores e na altura de ir para a sala de partos. A enfermeira disse para eu escolher a roupa para depois vestir o bebé para ficar já com a roupinha dele e então ele não achava nada só encontrava as minhas coisas e eu já cheia de dores, de pé (foi uma coisa que me fez impressão porque o médico tinha-me dito que já tinha visto a cabeça – risos - e eu depois ter de me levantar e ir a andar para a sala de partos e eu pensava: "ai, meu Deus eu ainda perco o gaiato aqui no caminho, não poso abrir muito as pernas..." Lembro-me de ter este pensamento. Estava um bocado tonta, porque também tinha estado deitada muito tempo. E pronto, lá fui a andar até à sala de partos. E a criança acabou por nascer e vestir lá aquela roupa que eles vestem que parece um saco (risos) e acabou por não vestir a roupa dele.

Durante todo este período, desde a entrada até à fase de dilatação, passou por três zonas distintas: há uma sala de admissão, depois um quarto onde se fica durante a dilatação e a seguir faz-se o tal trajecto para a sala de partos: são três áreas, três áreas físicas. Vamos falar sobre o espaço na sala de admissão e naquilo que diz respeito ao ambiente: as pessoas, as coisas, as paredes, os objectos, os cheiros, os ruídos, a cor, a luminosidade, o conforto. Entendendo o ambiente como as pessoas e os objectos e tudo aquilo que se passa à nossa volta, há alguma coisa que lhe tenha chamado a atenção e que queira mencionar.

Para ser franca, o ambiente físico que vi não houve assim nada que me tivesse marcado e eu já referi aqui várias coisas mas mais a nível das pessoas, da parte humana, porque, talvez por ser enfermeira e estar mais sensibilizada para... para já por ter uma ideia pré - concebida do serviço, daquilo que se fala e eu confirmei algumas dessas coisas. Em termos de acompanhamento as pessoas...lá está, as pessoas são um bocado...e nisso eu reparei em tudo. Lá está, aquela conversa do doutor a falar das viagens com as colegas isso marcou-me muito porque eu estava ali a ter o meu filho e o doutor sabia que eu não fizera preparação para o

parto. Eu queria fazer e depois não tinha tempo, havia sempre qualquer coisa e fui adiando, adiando e acabei por não fazer. Acabei por ler algumas coisas do curso e livros... Houve algumas coisas... respostas dadas assim um bocado... isso sim, eu estava atenta e fui confirmando algumas coisas que já tinha ouvido dizer, que já me tinham falado, em termos da parte humana quer de médicos quer de enfermeiros. Agora, assim em termos físicos não houve nada que... Por exemplo, a parte de eu ter de urinar na arrastadeira que não é uma coisa muito confortável, incomodou-me um pouco, mas pronto. Não houve assim nada em termos de cheiros ou outras coisas, não houve nada que me incomodasse a não ser esta parte mais humana, durante a estadia na maternidade que foram 72 horas. Portanto, marcou-me um bocado a nível humano. Por exemplo, depois estar com o meu filho... eu estava encantada, não é? Lembro-me de estar ali a olhar para ele. Era tão bonito, e é ainda. Houve estágio de enfermagem nessa altura. Depois, quando vieram fazer-me aquela expressão uterina, foram duas colegas que vieram fazer essa expressão. Ficar com fralda é horrível porque fazem a expressão e ficamos com a fralda encharcada em sangue. Eu pedi para me mudarem a fralda, mudaram porque eu pedi, para não ficar ali com a fralda com aquele cheiro. Eu vi que me iam deixar a fralda... "então eu vou ficar aqui com a fralda?" "Sim, mas se incomoda muito vamos trocar". Fiquei no quarto das cesariadas, com duas camas, quartos duplos com casa de banho. Depois dessa situação de me fazerem a expressão nunca mais vi as nossas colegas. Nunca as vi durante a noite; toquei uma vez a campainha porque o bebé chorava e eu estava com receio de ele estar com fome embora eu tenha tido leite desde a primeira hora que lhe dei de mamar, desde a primeira vez aquele colostro, mas tive sempre, e ele mamou sempre. Mas houve uma das noites que chorava. Dei-lhe de mamar, "mas porque é que ele chora?". Desconfiava um bocado por causa do leite e chamei mas foi uma aluna de enfermagem que me apareceu. Portanto, nesse sentido estava mais desperta para essa parte. Eu é que ajudei no teste do pezinho, foi a aluna que fez o teste do pezinho; a nível da vacina da hepatite B eu é que também dei apoio à aluna. E no final, ainda fui agradecer às nossas colegas lá à sala de enfermagem o apoio dado. Mas pronto, só que eu também estava encantada com aquilo tudo... lá está, também a parte familiar também melhorou um bocadinho, naquelas horas recuperámos ali algumas coisas e... e pronto...

E a relação com as outras parturientes?

Foi boa. Lembro-me do nome da bebé: era Carlota! O da mãe já não me lembro. Conversámos, pusemos uma televisão no quarto...

Durante o trabalho de parto ou depois?

Vi-a lá, essa mesma senhora que ficou comigo no quarto, só que ela fez indução mas não fez dilatação e então ela foi para cesariana. Durante essa noite em que eu estive lá...

Em trabalho de parto?

Em trabalho de parto...estive uma senhora durante muito pouco tempo e foi logo para a sala de partos e depois estive sozinha no quarto. Lembro-me que, também a meio da noite, entrou uma moça que devia ser muito novinha que estava em casa, em trabalho de parto já muito avançado e lembro-me de a ouvir gritar. Mas pronto, lembro-me de ela gritar. Era uma grande gritaria. Mesmo na sala de partos eu ouvia os gritos dela na sala de dilatação. É que foi logo directo. Entrou e foi logo directo à sala de partos, nem cheguei a vê-la.

E esse acontecimento interferiu em que medida? Incomodou, não incomodou, foi importante ou não?

P- Não foi importante, cada um tem a sua maneira de viver as dores. Também tive muitas dores e não dei um ai. Mas houve muitas situações em que eu me descontrolei e me apetecia começar a gritar; mas depois lá consegui respirar fundo mais um bocadinho e...e...pronto, ultrapassar aquela situação de desespero e de ter vontade de gritar. Aquela mocinha nova, não sei se era adolescente, na altura comentavam que era novinha, ela foi quase em período expulsivo, ela foi directamente para a sala de partos. E elas comentavam isso "...e como é que ela não teve o bebé em casa?" Foi uma coisa que não me...como já é de esperar, vá digamos assim, que a pessoa se descontrole um bocadinho, grite...mas não me afectou minimamente

Portanto, esta questão da relação com o ambiente construído, como já mencionei: as paredes, o cheiro, o ruído...não houve mais nada que fosse relevante, ou importante ou que tivesse interferido na sua relação com o ambiente ou que se lembre que tenha incomodado, para além destas questões que falou da relação com as pessoas?

Não, eu penso que não. A minha cama foi a que ficou mais perto da janela. Tinha um bocado de dificuldade por causa da icterícia...eu queria era pôr o meu filho ao pé da janela por causa da icterícia e entretanto com a outra parturiente acabávamos por ter uma conversa ao pé da janela e...

Isto depois do parto?

Sim, depois do parto. Portanto, não houve nada assim...ofereceram-me montes de flores e à outra parturiente também. O quarto era aquele só de duas camas, já não tínhamos espaço para pôr flores e mandei aquilo tudo de volta, lembro-me perfeitamente.

Entretanto, na sala de dilatação foi muito mau não poder ter o telemóvel, que me dava muito jeito para fazer umas chamadinhas porque, pronto, ao fim e ao cabo nós estamos lá dentro e ninguém sabe nada de nós. A minha mãe estava recém operada, tinha feito histerectomia na semana antes e portanto eu disse-lhe logo que tinha de ficar em casa à espera da hora da visita e não tinha nada que ir lá para o hospital porque a hora da visita chegava perfeitamente. Ela



cumpriu porque não valia a pena estar ali à espera...ir lá dentro da sala não podia ir; vai o pai e geralmente, penso eu não deixam entrar outras pessoas na sala de dilatação.

Na lei o que está previsto é que a pessoa tenha um acompanhante que pode ser a mãe, pode ser a avó, pode ser o pai...

Também, como estive muito tempo sozinha na sala, não fui incomodada por outras pessoas. Mas houve uma coisa que me incomodou bastante: foi o CTG sempre colado à barriga a noite inteira e fiquei com dores nas costas, na barriga, em todo o lado e não conseguia virar. E depois, lá me virei e aquilo começou tudo a apitar. E pronto, tenho a plena consciência de que se não levei um raspanete foi porque disse “desculpe lá, não conseguia estar mais na mesma posição”.

Aquilo de ter a cama toda molhada foi também uma coisa que me incomodou bastante. Houve a ruptura da bolsa das águas, fiquei com a cama toda molhada e fiquei um bocado incomodada. Não me podia levantar por causa do meu companheiro CTG...e o som daquilo também é muito incomodativo...eu já sem conseguir dormir e com aquele som sempre na cabeça. Às vezes deixava de o ouvir e voltava-me assim para ver o que é que marcava. Mas eu estava a ouvi-lo na mesma mas tinha a ideia que já não o ouvia e de vez em quando lá me levantava para ver a frequência cardíaca...

E em relação à privacidade naquele local?

Nunca estive muito acompanhada...nunca tive assim... Mesmo a parte dos toques isso é horrível, mesmo em termos de dor, dói mesmo, lá está, como não tinha a experiência anterior não estava à espera que me doesse tanto. Mas acho que nessa altura que me foram observar sempre estive sozinha, incluindo na manhã quando foi mesmo o meu obstetra. Nessa altura estava no quarto sozinha, mesmo que não puxassem as cortinas...portanto, estive a maior parte das vezes sozinha...

Sentiu-se resguarda?

hum, hum...

Há mais algum acontecimento que queira mencionar?

De toda esta vivência o trabalho de parto foi mais ou menos aquilo que eu estava à espera. Mentalizei-me antes e como me ia apercebendo daquilo que se estava a passar, das fases...pronto, havia coisas que eu não sabia como iam correr, se as dores eram muito intensas, mais fortes, menos fortes, isso... apesar de me dizerem que as dores ainda não eram para parir e se fossem mais fortes que não ia aguentar, mas pensava nisso... “se estas são tão fortes como é que serão as outras?”, lá está, pensar que estas são tão fortes deixava-me um bocado...

Desanimada?

Sim, desanimada. Mas como o parto nunca me deu muito medo e eu estava desejando conhecer o meu filho, apesar de ele se ter “portado mal” logo à nascença por ter nascido no dia 2 em vez de nascer no dia 1 de Junho...

... (risos) e não chorou...

Pois, não chorou. Lá está, são ideias que nós temos, preconcebidas, e eu pensei que ele fosse chorar. Olhei para ele e vi logo que tinha cara de Henrique e... entretanto...”então, mas o bebé não está a chorar” e ele disse: “tragam lá outra vez o bebé para ela ver...não vez que está a respirar, está tudo bem com ele”. Mas ele não chorou nada, não chorou nada. Mas pronto, eu acho que foi uma experiência muito positiva que gostava muito de repetir, gostava muito de repetir. E agora, ainda por cima há as epidurais e essas coisas todas e se calhar vivemos as coisas mais calmamente, com menos stress, como não temos dores se calhar é melhor, não é? Talvez só experimentando...

Só experimentando... (risos)

... (risos)

Muito obrigada por esta participação útil e esclarecedora.

Entrevista 4- A

Duração: 0: 12: 16

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão	Habilitações Literárias	Idade gestacional
32	Meio urbano	Operária fabril	Ensino básico	39 semanas

Gostaria de lhe agradecer a disponibilidade para a participação neste estudo e reafirmar a confidencialidade da entrevista. Como lhe disse, o objectivo é conhecer a sua experiência durante o nascimento do seu filho no que se refere à interacção da pessoa com o espaço ambiental. Como combinámos, será feito o registo magnético. Na transcrição a sua identidade será resguardada.

Que idade tem?

Trinta e dois anos.

Qual é a sua ocupação?

Empregada fabril.

Onde mora?

Em S....

Na cidade?

Sim.

Que escolaridade tem?

Nono ano.

É o seu primeiro filho?

Sim.

Qual era a idade da gestação?

Trinta e nove semanas.

Durante a gravidez houve alguma coisa, algum acontecimento que interferisse no seu desenvolvimento normal? Como é que decorreu esse período da sua vida?

Só no princípio é que tive aquele problema de o colo do útero ser curto e ser uma gravidez de risco.

Quanto tempo é que esteve de baixa?

Quatro meses e umas semanas.

Como é que se sentiu durante esse período?

Bem.

Alguma vez esteve internada na maternidade?

Não.

Como decorreu a sua gravidez? Quer me falar acerca desse período da sua vida?

Foi bom. Gostei de estar grávida.

Então quer contar-me como é que decorreu o seu parto?

Muito doloroso. Dei entrada na véspera de 27 para 28, aliás era 28 porque já passava da meia-noite; levaram-me logo para a maternidade, porque já ia com as contracções de 7 em 7, de 5 em 5 minutos, às vezes.... Entretanto, já tinha muitas dores e tiveram de me pôr oxigénio, estive muitas horas sozinha sem apoio... Estive para aí umas três horas, três ou quatro horas em sofrimento, não era capaz de respirar, o bebé já estava a ouvir-se pouco a... respiração...

Tiveram de me dar mesmo oxigénio naquele momento... chegaram logo de repente....deram-me outros medicamentos juntos porque já estavam a ver que aquilo estava a ficar assim... um bocadinho complicado por ter estado tantas horas a sofrer.

Quanto tempo esteve em trabalho de parto?

Desde as 00:20 até às 07 horas.

Fez epidural?

Fiz. Fiz epidural. Não era para fazer, mas como já estava tanto em sofrimento, mesmo eu própria já não sentia bem a respiração e depois houve ali um momento em que a tensão baixou. Esteve sempre ali nos 12/7 mas ainda foi até aos 7/6, estava ali muito junta, tanto que estive com as ventosas e tudo, ligadas ao coração, estavam sempre a medir a tensão também...

Fazer a epidural ajudou a sentir-se melhor?

Sim, apesar de ter ficado assim... com uma das pernas sem mexer... Mas ajudou.

O parto foi normal?

Foi um parto normal.

Ao longo da sua permanência na sala de partos, houve algum acontecimento pessoal do ponto de vista do ambiente que tivesse interferido no seu bem-estar – quando nós falamos do ambiente pensamos nas pessoas, nas coisas, nos objectos, no ruído, das pessoas que estão ao lado, dos que entram e que saem, daquilo que se diz e do que se fala.

Não... Praticamente, estive sempre sozinha. Só... o que me custou mais foi aquelas horas... saber que estava ali, que precisava de ajuda, que precisava de alguma coisa ou pelo menos um apoio e naquelas três horas e meia, quatro horas não apareceu ninguém ao pé e saber que elas lá estavam, não é... apesar de ser de noite. Eu sei que precisam de descansar, mas acho que faltava ali um pouco de apoio.

Quando menciona “elas”, refere-se a quem?

À enfermeira e à... a outra que fez o parto.

A outra pessoa era a médica?

Não. É enfermeira parteira, salvo erro.

Portanto, não apareceu mais ninguém nesse intervalo?

Não... não.

Só mesmo essas duas pessoas?

E depois, o médico que deu a epidural.

Ah sim, o anestesista. Quando entrou, foi admitida numa sala mais pequena?

Sim. Uma sala que tinha três camas.

Foi logo para aí? Não foi para uma salinha antes onde foi observada...

Não...ah! sim entrei numa sala onde fizeram a primeira observação e umas perguntas para saber quantas semanas tinha, como tinha corrido a gravidez...

Era a sala de admissão. Foi a primeira sala onde entrou. Que sensação experimentou?

Normal, calma... calma.

Nada lhe despertou desconforto...

Não.

...ou algum interesse especial?

Nada, nada...Sempre calma.

Depois, foi para a zona de dilatação, ou seja, para o quarto.

Sim, para o quarto.

Ficou sozinha?

Fiquei sozinha.

Como é que se sentiu? Confortável, com privacidade... incomodada com alguma coisa...

Não, senti-me bem apesar de...a única coisa que me incomodava era o relógio estar à minha frente e eu a ver as horas a passar, aquele "tic-tac" do relógio e eu ali... já um bocadinho aflita.

Porque eu estava a sentir-me aflita por não a ouvir totalmente.

Não era capaz porquê?

Porque por mais que eu quisesse chamar ou fazer algum ruído maior para elas me ouvirem, não apareciam à mesma. Porque houve lá várias vezes que senti dores mais fortes que eu não conseguia nem respirar e dei um "ai" mais alto e nem apareceram sequer.

Não tinha uma campainha para tocar?

Não uma campainha não.

Foram horas que demoraram a passar?

Foram muitas horas que demoraram a passar...!

Não tinha companhia?

Não.

Àquela hora da noite, parece-lhe que se tivesse tido alguém a acompanhá-la, não falando nos profissionais, teria sido mais confortável para si?

Talvez um pouco mais de apoio, naquele momento.

O que é que sentiu nesses momentos?

Mais desconforto por causa dela, quando comecei a ver que as batidas dela estavam mais fracas.

Sentiu medo?

Medo por ela.

Entretanto, nesses momentos a sala como é que estava por exemplo em relação à luminosidade?

Tinha a luz de presença só para não estar totalmente às escuras.

Quando foi observada, que impressão lhe ficou da privacidade?

Tinha privacidade.

Entretanto, veio o parto.

Sim.

Passou para outra sala?

Passei para uma mais pequenina só com a... portanto, a cama de parto.

Como se sentiu nessa sala?

Senti-me incomodada apenas com a situação da perna. Queria levantar-me da cadeira de rodas em que fui transportada e não era capaz porque não tinha força. Só tinha força na perna direita. Foi necessário ajudarem-me a sentar. Mas de resto, estive sempre bem.

Quando entrou naquela sala e viu aquele aparato todo o que sentiu?

Eu estava muito calma. Muito calma mesmo. Até mesmo quando rebentou a bolsa. Muito calma. Nem nervosa... nada, nada. Estava muito calma mesmo.

Então e aí, em relação ao ambiente? O que é que se passou? N outra sala tinha tido uma experiência que não foi muito gratificante, não é? Contou, que não apareceu ninguém, que gostava que alguém lhe tivesse dito qualquer coisa, que lhe tivessem dado mais apoio.

Mas entretanto foi para a outra sala e o que é que sentiu no que se refere ao ambiente: às pessoas, aos objectos, ao ruído, temperatura, luminosidade...

Já era diferente porque já estávamos a entrar num momento diferente, foi uma coisa muito rápida... foi só praticamente deitar, fazer força duas vezes e ela nasceu. Foi uma coisa muito rápida mesmo. Foi tudo muito rápido.

E aí já se sentiu mais confortável, mais acompanhada...

Já, já...

Estava lá o seu companheiro?

Não.

Ele não assistiu?

Não, não assistiu.

Não esteve ninguém a acompanhá-la?

Não.

Sentiu que já lhe deram mais atenção?

Já. Tinham mesmo que me dar atenção naquele momento (risos).

E quando a bebé nasceu? Qual foi a sensação?

Foi boa. Foi uma sensação de alívio ver que ela estava bem, depois de ter passado tudo. Estava mais preocupada por ela do que mesmo... por mim.

Em relação a toda esta experiência do parto quer fazer mais algum comentário?

Foi um bocadinho complicado naquele momento, mas depois foi tudo muito rápido. Uma sensação boa.

(Risos)

Agradeço-lhe muito a sua colaboração e desejo-lhe muitas felicidades!

Obrigada.

Entrevista 5- K

Duração: 0: 17: 41

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
27	Meio urbano	Estudante universitária	Ensino superior	39 semanas

Agradeço a sua disponibilidade para participar neste estudo. Como há pouco falámos garanto que o nosso diálogo será confidencial. Apenas quero recolher o relato da sua vivência durante o nascimento do seu filho no que respeita à relação com o espaço ambiental. Iremos usar o registo magnético que será destruído após a transcrição da entrevista.

Que idade tem?

Vinte e sete anos.

Qual é o seu nível de escolaridade?

Tenho uma licenciatura e agora estou a fazer um mestrado em ecologia humana. Agora estou a fazer uma pausa porque tive o bebé há seis meses.

E a sua licenciatura foi em que área?

História, na área de recuperação do património.

Onde viveu até o bebé nascer?

Em A...

Na zona urbana?

Sim.

Quantas semanas durou a gravidez?

Trinta e nove e meio.

Durante a gravidez houve algum acontecimento que tenha perturbado a sua normal evolução? Como é que as coisas correram?

Correram bem, até porque eu soube tarde...

Como é que foi então?

Só soube quando já tinha seis meses... (risos) fui fazer o teste da urina e fiquei a saber... (risos).

Mas... não senti enjoos nem nada.

Aconteceu então alguma coisa que perturbasse a gravidez?

Não. Eu tinha uma úlcera e os médicos não sabiam que eu estava grávida e eu continuei a tomar os antibióticos; tive muito medo, mas não aconteceu nada com o bebé.

Teve medo de quê?

Tive medo porque que tomei muitos antibióticos. Eram seis comprimidos por dia.

Mas disseram-lhe que os medicamentos podiam provocar alterações?

Sim, podia provocar alguma deformação, porque costuma acontecer isso... mas não aconteceu nada.

Esteve um bocadinho preocupada...

Estive preocupada.

Já tinha estado internada neste serviço?

Não, só... três dias antes do parto, tive a tensão alta e estive internada...

Naquele serviço?

Sim, mas do outro lado...

Na área da gravidez patológica.

Sim. Depois, no dia em que o bebé nasceu fui a uma consulta para ver se o bebé já tinha descido e fiquei logo. A cabeça ainda estava alta mas estava com muitas dores. Já tinha feito a dilatação, mas o colo estava duro... estive das oito às quatro...

Portanto, quando entrou na maternidade, não conhecia aquela parte do serviço.

Não.

Lembra-se como decorreu o seu parto?

Ah, lembro-me...

Conte-me essa experiência.

Fiz cesariana. Eu lembro-me, ouvi tudo... lembro-me de tudo.

Lembro-me que foi das oito às quatro. Às quatro fui logo para baixo, para o bloco operatório.

Entrou, como me contou, para fazer uma avaliação da tensão arterial.

Às oito da manhã fui medir a tensão arterial, às nove fui para a sala de partos e... passado um bocado ligaram as máquinas e aí fiquei pior...

Ligaram o CTG?

Sim, para ver o bebé, o coração do bebé... e a minha tensão arterial, que estava alta, bastante alta. Então, o médico decidiu que se baixasse, tudo bem; mas aquela máquina fez um efeito contrário em mim – pôs-me mais nervosa. Provocar o parto fez-me pior.

Colocaram algum medicamento para provocar o parto?

Sim.

E fez subir a tensão arterial?

Fez.

Sentiu-se muito ansiosa?

Só quando vinham as dores... E aquilo subia mais...

Sentiu-se mais ansiosa ao ver aquele aparelho?

Sim. Mas depois fiquei muito tensa... colocavam a mão para ver como é que estava. Quando paravam a máquina ficava tudo bem, quando ligavam a máquina ficavam muito pior.

O útero... a barriga?

Sim, estava muito dura. Depois, às 2h o médico ainda pensou esperar um bocadinho. E não comi... só água e uma bolacha. Às 4 e meia já tinha o bebé. Foi rápido.

Estava com epidural?

Sim.

Disse-me que ouviu tudo e sentiu tudo?

Sim.

E como é que foi essa experiência?

Faz um bocadinho de impressão ... não sei explicar...é bom, mas eu fiquei um bocadinho triste porque queria fazer parto normal. Foi rápido, passado 15 ou 20 minutos já estava do outro lado à espera do bebé.

E qual foi a sensação quando viu o bebé?

Foi boa.

Lembra-se que quando fez a admissão entrou para uma sala pequena?

Sim, uma sala pequena, tipo um consultório. Estavam lá duas enfermeiras. Fiz o exame da urina. O médico viu que havia qualquer coisa que não estava bem.

Proteínas, provavelmente.

E uma infecção.

E nessa sala, houve alguma coisa que tivesse influenciado o seu bem-estar?

Ah, estava lá uma enfermeira e a Dra. P... quando eu estava grávida ela é que me vigiou. Quando ouvi a voz dela senti-me muito melhor. E estava também lá outra enfermeira. Fizeram-me muitas perguntas porque repararam que estava muito nervosa, porque tinha a tensão alta.

Então achava que o facto de ter encontrado uma pessoa conhecida fez com que se sentisse melhor?

Senti-me como se estivesse em casa, com a minha família.

Os aparelhos e todos nos objectos que existiam na sala e também a luz, o ruído, alguma coisa interferiu com o seu bem-estar?

Não. Se não tivesse feito a licenciatura em história teria ido para o ramo de saúde.

Então aquele ambiente não a transtorna... Depois passou para a outra sala, onde levou o tal medicamento e ligaram aqueles aparelhos todos. Quantas horas esteve nessa sala?

Das onze da manhã às quatro da tarde.

Ainda esteve lá algum tempo. Esteve sozinha ou acompanhada?

Estava com o pai do bebé e duas enfermeiras muito simpáticas. (...)

O facto de ter estado com pessoas conhecidas na sala trouxe-lhe algum conforto e tranquilidade?

Quando entrei na sala estava lá uma senhora mas foi logo para o bloco de operações. Fiquei sozinha com o pai do bebé.

Nessa sala houve alguma interferência boa ou má? Como as cores os objectos os ruídos...

Ouvi muito o barulho das obras e achei a sala um pouco pequena. As máquinas pareciam estar todas em cima de mim. Mas de resto, estava tudo bem. Só acho que as salas deviam ser maiores, têm pouco espaço.

E em relação à privacidade? Quando lhe iam fazer as observações o que é que sentiu?

Continuo a achar que as salas deviam ser maiores, a cortina estava mesmo ao pé da porta.

Sentia que não estava resguardada o suficiente?

Pois. Essa foi a parte que me fez mais confusão. Estava sempre a entrar e sair gente... achei que podia estar mais escondida da entrada. Mas em termos de limpeza estava tudo bem.

A luminosidade e as cores não lhe fizeram confusão?

Não, não. O quarto estava escuro. Pedi só para desligarem uma luzinha. O ambiente assim estava melhor. Se a luz estivesse acesa sentia-me mais nervosa.

Entretanto foi para a sala de partos. Para além da sensação que já me explicou, da sensação esquisita do bebé ter saído, ouve mais alguma coisa?

A única coisa que me lembro é da luz por cima de mim, disso nunca me esqueci.

Sentiu-se incomodada?

Não, não. Era uma luz clara e fraquinha. Eu lembro-me que assim que olhei para a luz e trouxeram-me o bebé. O espaço era grande, era uma sala muito espaçosa com tudo.

Mais alguma coisa que me queira dizer em relação ao parto e a relação com o ambiente em geral, ou seja, com as pessoas e com os objectos?

Assim que vi o bebé senti-me logo mais responsável. E as enfermeiras ajudaram-me muito.

Agradeço imenso a sua participação. Muito obrigada e bom dia.

Entrevista 6 – R

Duração: 0: 13: 53

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
27	Meio urbano	Empregada comercial	Ensino básico	38 semanas

Quero mais uma vez agradecer a sua disponibilidade para participar neste estudo e relembrar que tudo aquilo que disser é confidencial. Também será resguardada a sua identidade. Pretendo conhecer a sua experiência, durante o nascimento do seu filho, no que se refere à interacção da pessoa com o espaço ambiental. Como combinámos iremos usar o registo magnético que será destruído após a transcrição da entrevista.

Que idade tem?

Vinte e sete

Foi a sua primeira gravidez?

Foi

Qual é a sua profissão?

Sou chefe de secção num supermercado

E que escolaridade que tem?

Novo ano.

Onde mora?

Aqui na cidade...

Portanto, na zona urbana. Quanto tempo durou a sua gravidez?

Trinta e oito semanas.

E durante a gravidez, há alguma questão que me queira contar e que tenha interferido no seu bem-estar? Como é que decorreu a sua gravidez?

Decorreu normalmente nos primeiros três meses. Muitos enjoos. Um bocado complicado trabalhar sempre enjoada, assim um bocado mal-humorada, mas depois, passados os três meses foi normal. Foi só a barriguinha a crescer e decorreu tudo dentro da normalidade.

Alguma vez esteve internada naquele serviço?

Não, não.

Nunca lá tinha ido?

Nunca lá tinha ido.

Quer-me dizer o que é que se lembra do seu parto, quer-me contar essa experiência, enquanto lá esteve como é que as coisas aconteceram o que é que se passou?

Lembro-me de tudo.

Então, conte-me... (risos)

Sei que entrei às cinco da manhã estava a perder um bocado de sangue. Depois, entrei cá em baixo e levaram-me logo para cima, estiveram a observar-me, e tinha mais ou menos um/dois dedos de dilatação, tinha sido o rolhão mucoso que tinha saído com sangue. Entretanto, fui para um quarto e aguardei até ter mais dilatação para poder levar a epidural. Estive mais ou menos até às oito horas. Depois, fui tomar um banho e como já estava com três centímetros levaram-me para a sala de anestesia. Entretanto, as contracções começaram a ser cada vez mais dolorosas. Às nove horas deixaram subir o meu marido. Foi uma grande ajuda, porque naquele bocadinho em que estive sozinha no quarto parecia que as dores nunca mais acabavam. Assim, tendo alguém ao lado parece que é mais fácil suportar a dor e eles também ajudam, dão força. Às onze horas mais ou menos foi quando levei a epidural que ajuda muito. Aconselho mesmo (risos) quem poder levar. Ajuda muito para já porque nós colaboramos muito mais porque não estamos com aquela coisa aí vem aí a dor vou ter outra contracção vou estar com dor outra vez a gente sente aquela "impressõzinha" mas nada comparado com a dor com contracções que a gente tem antes. Depois foi esperar que a dilatação se completasse. Entretanto, a bolsa rebentou porque ainda não tinha rebentado. E mais ou menos às cinco e pouco foi quando comecei a sentir aquela vontade de fazer muita força, quase com vontade de ir à casa de banho, fui então para a sala de partos. O meu marido também assistiu. E pronto, fiz três quatro vezes força e a bebé saiu cá para fora.

Quem bom!

Correu tudo mais ou menos bem.

Então foi rápido?

Foi. Foram muitas horas mas depois ali aquela parte terminal foi um instantinho, foi rápido.

Foram então quantas horas?

Doze.

Doze horas, que certinho!

Doze horas é pouco...

Lembra-se que quando entrou para ser admitida foi para uma sala, uma sala mais pequenina?

Sim...

Parece um consultório.

Sim, sim.

Esteve nessa sala, depois de ter vindo da urgência.

Da triagem.

Lembra-se dessa sala?

Sim mais ou menos?

Qual é que foi a sensação que teve, quando lá chegou, como que é que sentiu em relação ao espaço, às pessoas, à privacidade, aos objectos que lá estavam?

Tudo assim um bocadinho estranho (risos) mas lá chegou a hora das interrogações, isto é, aquelas dúvidas que nós temos não é? É a primeira vez, nunca passámos por aquilo... é tudo novo, é tudo uma experiência nova, mais ou menos foi isso.

Mas sentiu-se assustada com o ambiente com as coisas que lá havia com os objectos, a cor das paredes, a luz?

Não, normalmente. Era um consultório normal.

Portanto, não houve nada que tivesse chamado a sua atenção?

Não

Esteve com quem a que esteve nessa sala?

Com uma enfermeira e acho que era uma enfermeira... duas enfermeiras talvez só que uma tinha bata azul e outra tinha bata branca. Elas fizeram-me umas perguntas acerca da idade, grupo sanguíneo, profissão.

E observaram-na?

Foi quando me observaram. Mandaram-me despir, vestir a camisa do hospital e estiveram a observar-me. Depois foi quando passei para o quarto a aguardar que a dilatação completasse.

Pronto já estamos noutra zona, na sala de dilatação. Nessa zona, no tal quarto, com quem é que esteve?

Estive quase sempre sozinha. As enfermeiras puseram-me o CTG.

Estava sozinha e ia-me dizer que o seu marido depois chegou não é?

Já estava lá em baixo na sala de analgesia, ele chegou às nove horas.

Então nessa sala o que é que sentiu enquanto lá esteve, passou lá algumas horas. Quantas horas é que lá esteve, mais ou menos? Esteve algumas portanto quase as doze.

Sim, porque antes de ir para a sala de analgesia estive num quarto. Estive ali entre mais ou menos as seis e as oito e meia mais ou menos.

Portanto, depois ficou na sala de analgesia.

Fiz a epidural lá e fiquei até ir para a sala de partos.

Fez um trajecto um pouco diferente. Então, nessa onde esteve em dilatação o que é que sentiu enquanto lá esteve: em relação às pessoas, aos objectos, ao ruído, à luminosidade, aos cheiros, à privacidade?

Um bocadinho assustada...

Com o quê?

Sei lá é sempre aquela coisa. Estamos ali sozinhas, é a solidão. É tudo muito estranho, é a primeira vez que ali estamos e olhamos para as coisas. É tudo, é um hospital... a gente tem sempre aquele pensamento...eu estou aqui sozinha e é sempre aquele receio. Às vezes é um bocado difícil de explicar... estamos sempre a pensar no melhor e no pior, nas duas coisas... (risos).

Entretanto, esse receio que sentia era em relação a quê? Em relação ao bebé, à sua pessoa, aos outros?

Sim, queria que corresse tudo bem.

E em relação às pessoas que estavam à sua volta, como é que se relacionou com elas?

Eram muito simpáticas. Estive pouco tempo ali e estive quase sempre sozinha. Depois, lá em baixo é que já ia sempre entrando e saindo mais gente mas sempre simpáticas muito sociáveis sempre a meterem-nos para cima "vai, está quase..." lá nisso as pessoas são muito simpáticas

Quando falou da solidão o que é que quis dizer? Houve momentos em que esteve sozinha mesmo?

Estive mesmo sozinha.

E porquê?

Foi naquela altura em que eu entrei e depois fiquei ali.

Um bocadinho à espera que viesse o seu marido?

Sim. Estive aquele bocado no quarto antes de ir para baixo para levar a anestesia. Estive ali uma hora, duas horas mais ou menos elas iam lá de vez em quando mas não estavam permanentemente. E então, havia ali aqueles bocadinhos sentia-me assim um bocado sozinha e depois com as contracções fazia-me mesmo falta alguém para distrair (risos). Estava sempre desejando que chegassem as nove horas para ter companhia.

Eu falei há pouco da privacidade quando era feita a observação...

Sim o meu marido saía, as enfermeiras mandavam sair.

E como é que se sentia então em relação ao ambiente, à sua privacidade sentia que estava resguardada?

Acho que estava resguardada, porque enquanto estive cá em baixo na sala de analgesia estava outra moça também que estava com o marido e sempre que eles iam observar ou uma ou outra elas mandavam sair os acompanhantes.

Os maridos?

Os maridos. Mandavam aguardar um bocadinho lá fora. Só ficavam as enfermeiras eles saíam e depois entravam outra vez (risos)...

Ao sair desta sala foi para a sala de partos.

Para a sala de parto.

Então e aí o que é que se passou? Como é que sentiu nesse ambiente, lembra-se? Quando lá entrou que sensação teve em relação às pessoas, ao ruído, aos objectos, à luminosidade, aos cheiros, enfim ao ambiente em si?

Sim, elas sempre a falarem connosco, pronto a ajudarem-nos, a explicarem-nos sempre o que é que a gente tinha que fazer e foi tudo assim muito rápido mas gostei até foram muito atenciosas.

Quanto tempo é que permaneceu lá mais ou menos?

Não tenho ideia talvez uma hora.

Uma hora ali dentro.

Sim, porque o ter foi rápido para aí vinte minutos, meia hora para ela nascer. Depois, eles entretanto ainda estiveram... ela ainda esteve a coser e é capaz de ter sido uma hora uma hora e pouco.

Sentiu que tudo aquilo que a rodeava os objectos, as pessoas havia alguma coisa que interferisse com o seu bem-estar?

Não.

Sentiu-se bem?

Senti-me bem.

Há mais alguma coisa que me queira dizer em relação a esta experiência?

É única (risos)! Acho que mesmo que tenha outra gravidez nunca é igual há-de ser sempre diferente mas foi uma experiência única.

Uma experiência única e boa? Gostou da experiência?

Gostei, apesar de...pronto, a dor...mas quando ela sai é uma alegria e muito grande. Só não chorei mas pouco faltou (risos). É uma grande alegria como correu tudo bem quando a gente tem aquele alívio pronto já está, já passou ela já cá está, está tudo bem.

O pai assistiu ao parto?

Sim.

Colaborou durante o parto? E como é que se sentiu com a presença dele?

Bem. Ele desde inicio logo que tinha dito que gostava de assistir e eu também para mim também é uma grande ajuda a gente ter ao lado quem gosta e a apoiar-nos é muito bom, dá muita força. Apesar de elas ajudarem-nos muito mas é sempre uma pessoa que está connosco, vive connosco, é sempre uma força diferente. Ajuda muito!

Muito obrigada pela sua colaboração.

Entrevista 7 – S

Duração: 0:20:02

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
24	Meio urbano	Telefonista	Ensino superior	39 semanas

Quero agradecer-lhe a disponibilidade para colaborar neste trabalho e garantir-lhe a confidencialidade na entrevista. Relembro que o objectivo é recolher o relato da sua experiência durante o trabalho de parto e parto no que se refere à relação com o espaço ambiental.

Gostaria de saber que idade tem?

Tenho vinte e quatro anos

Este é o seu primeiro filho?

Sim

Quanto tempo durou a gravidez?

A gravidez durou trinta e nove semanas e quatro dias.

Qual é a sua ocupação?

Neste momento trabalho num centro de atendimento telefónico.

Qual é a sua formação escolar?

Ainda não acabei o curso mas frequento a Universidade de E...

Onde mora?

Moro em E...

Na zona urbana?

Sim, sim na parte histórica.

Como decorreu a gravidez? Houve alguma coisa que tivesse perturbado ou que tivesse interferido na gravidez que me queira contar?

Não. Foi uma gravidez bastante calma. Felizmente, não tive quaisquer complicações. Não foi necessário tomar quaisquer medicamentos, tirando o ácido fólico, depois mais tarde o ferro, principalmente o ferro, penso que será usual na maior partes das gravidezes e pronto.

Correu tudo bem

Sim, sim tive uma gravidez muito calma.

Alguma vez esteve internada naquele serviço, ali na maternidade?

Internada nunca estive a não ser quando foi para ter o bebé. Afinal, estive lá no início da gravidez porque eu não tinha médico de família. Então estive lá porque aconteceu um pequeno sangramento no princípio. Não me recordei de lhe dizer há pouco foi uma coisa muito, muito pequena: um pequeno descolamento da placenta. Mas felizmente foi um episódio pontual que não se repetiu.

Portanto, ficou lá quanto tempo?

Quando me apercebi eu estava em Lisboa. Vim para E...e ainda o sangramento continuou. Fui ao hospital para ver se realmente estava tudo bem. A médica que me observou disse que sim que realmente o saco embrionário se mantinha e portanto, para eu ir descansada para casa. Não fiquei internada.

Ficou de repouso em casa?

Sim, fiquei de repouso em casa.

Quantos dias?

Um dia ou dois. A médica aconselhou-me a ficar um ou dois dias de repouso e a não ter relações sexuais.

Como é que se sentiu durante essas fase? Ficou um pouco abalada?

Ah! sim, um pouco abalada porque foi uma gravidez planeada desejada e então fiquei um pouco perturbada. Ainda por cima eu estava no centro comercial, tinha ido passear e acabei por me sentir também um pouco culpada. Enquanto andava a passear podia ter perdido o bebé. Mas depois passou, felizmente.

A médica que a atendeu deu-lhe alguma informação relacionada com essa questão que a pudesse tranquilizar?

Não. Eu também fui à meia -noite foi a hora que eu cheguei. Ela só me disse: "...quando é assim fique em casa de repouso e não faz nada, não se mexe para lado nenhum, fica lá de repouso". Só que foi a primeira vez que me aconteceu a primeira gravidez em pânico não sabia o que é que havia de fazer embora o sangramento fosse pouco eu estava com cerca de oito semanas. Também era muito cedo. Foi um pouco brusca:" vá para casa fica um dia ou dois de cama e não tem relações sexuais". E pronto foi o que ela disse não se alongou.

Então agora vamos falar do parto. Lembra-se como decorreu o seu parto?

Sim

Quer-me falar acerca dessa experiência? Como é que aconteceu?

Eu comecei com sinais de parto uma semana antes, sensivelmente. Portanto, já tinha cerca de um

dedo de dilatação. Já sentia algumas contracções embora não fossem ainda significativas. Depois, os sinais desapareceram. Deixei de sentir dores deixei de sentir tudo. Entretanto, no Domingo seguinte, exactamente no domingo seguinte, por volta do meio-dia comecei a sentir novamente essa tal impressão. Fiz a minha vida normal. Andei a fazer limpezas, continuei a fazer as minhas coisas normais e depois deitei-me. Continuei a sentir essa tal impressão. Por volta das duas da manhã começou a ser uma impressão um bocadinho mais dolorosa. Comecei a sentir alguma dor mas dormia no meio. Levantava-me ia fazer chichi e voltava a dor; voltava para a cama dormia e depois voltava a acontecer o mesmo até que por volta das quatro da manhã começou a ser uma dor mais constante. Por volta das cinco estava com contracções de dez em dez minutos. Chamei o meu marido, nós estávamos em casa dos pais dele que fica a quarenta quilómetros. Viemos para E... e quando chegámos fomos ainda buscar os sacos. Entretanto, comecei a sangrar. Cheguei à maternidade por volta das seis e já estava com seis dedos de dilatação. Pedi ainda a epidural mas como estava no limite não a levei. Por volta das oito e meia estava já com uns dez dedos. O problema é que os ossos da bacia estavam um bocadinho baixos e ela batia com a cabeça e não tinha espaço para passar. Como ela não rodava para passar por esse ângulo teve que ser de ventosa. Nasceu às dez e dezassete da manhã. Pronto, foi assim o parto. No meu entender foi rápido, foi bastante rápido felizmente (risos) e como não levei epidural foi bastante rápido mas pronto acho que correu bem.

Agora outra questão: quando entrou para ser admitida no Hospital foi à triagem e quando subiu entrou numa sala pequena parece um gabinete pequeno. É a sala de admissão: o primeiro contacto. Como é que se sentiu naquele ambiente? Como é que se sentiu relativamente às pessoas que estiveram consigo, às coisas que teve à sua volta (os objectos), ao ruído, à cor das paredes, à temperatura, à privacidade...

Sinceramente, não me senti nem bem nem mal. É uma sala neutra ou seja, não transmite, pelo menos para mim, não transmite sentimentos desagradáveis ou agradáveis, para mim é neutro. Em relação às pessoas fui atendida por duas enfermeiras e apercebi-me que havia qualquer coisa porque que elas olhavam as duas uma para a outra... era o tal osso da bacia que não ia deixar passar a menina.

Contei-lhes que tinha sido atendida na segunda-feira anterior e que já estava com um dedo de dilatação. Perguntaram-me se o médico me observou me dissera algo em relação ao osso pois poderia ser necessário fazer cesariana. Eu apercebi-me de qualquer coisa mas como não me disseram pensei que podia ser invenção minha. Foram muito atenciosas muito simpáticas. Depois,

saí da admissão e passei para a salinha da dilatação.

Então, já estamos na sala de dilatação onde passou algumas horas. Mais ou menos quantas horas?

Cheguei ao hospital por volta das seis. Subir...não subir... a admissão... talvez tenha entrado para a salinha por volta das 6h e 45m, mais ou menos. Fui para a sala de partos cerca das 9h e 45. Portanto, foi das sete às dez, três horinhas!

Esteve acompanhada durante a dilatação?

P – A partir das nove da manhã, pelo meu marido.

Havia mais parturientes ali?

...havia, havia uma senhora que entrou às 8 da manhã com marido. Já estava lá há algumas horas.

Descreva-me as sensações que pôde sentir no que se refere à relação com o ambiente ou seja, com as pessoas que lá estiveram, com os objectos que lá havia, com os ruídos, os cheiros, as cores, a luminosidade, como é que se sentiu?

Em relação ao ambiente em si senti-me bem mas havia muitos aparelhos que eu não fazia a mínima ideia de para que é que serviam, não é? E quanto à luminosidade também me senti bem; eu estava mesmo ao lado da janela, portanto, estava a receber a luz do dia. Nesse aspecto foi bastante agradável porque entre as contracções olhava lá para fora e tentava ver um pássaro, uma pessoa a passar, tentava distrair-me com alguma coisa. Em relação à senhora que estava ao meu lado com o marido tive alguma pena porque, a senhora estava com contracções e já estava com epidural mas, pelos vistos, sentia dor. Parece que estava naquela situação, ouvi-a dizer, cerca de vinte seis horas. Ela já estava a chorar, o marido também...foi uma situação um pouco mais complicada. Apesar de eu não estar perfeitamente normal e consciente tive um bocado de pena da senhora porque entrei, fui-me embora e a senhora, coitadinha, ainda lá ficou.

Acha que esse acontecimento interferiu no seu desempenho?

Não, não interferiu. Pronto, senti pena daquele casal que estava ali há tantas horas em sofrimento mas em relação à minha situação não interferiu. Eu fiz aquilo que faria se estivesse sozinha. Por acaso até me ajudaram porque eu perguntei onde é que era a campainha que eu não sabia e o senhor depois até me ajudou, foi lá tirar o botãozinho para eu poder carregar.

E agora, falando em relação ao seu marido.

Sim, correu bem. Ele esteve lá a partir das nove. Só podia entrar a partir das nove. Esteve lá comigo, ajudou-me naquilo que pode. Como é óbvio, não era muito. Ajudou-me fazendo-me companhia, na força que tentava transmitir-me; às vezes tentava brincar mas eu dizia-lhe não

(risos), não vás por aí...em relação a isso foi muito bom tê-lo tido lá. Foi pena não ter podido entrar logo, comigo não ter entrado mais cedo, mas pronto, são as normas do hospital.

E os objectos naquele aparato todo ali à volta?

Não me fez confusão. Havia realmente alguns objectos: uns bonecos na parede, um relógio que entravam em contraste. De vez em quando olhava para o relógio e pensava... “nunca mais (risos)...”também houve algumas coisas que eu não me apercebi eu nesse aspecto não sou muito observadora. Mas não me fez confusão estar ali muitos objectos, muitos instrumentos.

Em relação à privacidade, como é que se sentiu cada vez que iam observá-la? Sentiu que tinha a sua privacidade resguardada, sentia-se confortável?

Eu só queria que me ajudassem quer fosse um médico ou uma enfermeira. Em relação ao outro casal puxei um bocadinho o biombo quando estava o senhor; quando estava a senhora não, mas quando estava o marido da senhora puxei um bocadinho porque de vez em quando pedia a arrastadeira. Em relação à equipa médica e aos enfermeiros, eu queria era que me ajudassem portanto, se era necessário observar que observassem. Nesse aspecto não tive qualquer pudor, queria mesmo que as coisas corresse pelo melhor.

Correram?

Sim.

Então, agora já estamos no parto.

Sim

Lembra-se daquela sala?

É uma sala diferente.

É uma sala diferente?

É. É uma sala bastante diferente. A começar pelo sítio onde nós estamos que é logo muito desconfortável.

O sítio está a referir-se a quê?

À cama, à cama. É logo muito desconfortável porque nós não estamos com dores e aquela posição esforça muito a coluna a posição desta zona das costas. Em relação à sala eu lembro-me principalmente da janela do fundo para onde eu olhava muitas vezes, lembro-me.

Olhava e sentia o que é que sentia?

Sentia-me bem por ter uma janela para poder, nos poucos momentos que tinha para descansar, abstrair-me um pouco, tentar ir buscar forças que já me estavam se calhar a faltar um pouco pelo menos no final. E então, acho que é muito bom poder olhar lá para fora nem que seja ver um outro

edifício meio acinzentado - ou se vê um pássaro ou se vê uma casa. Em relação ao resto apercebi-me dos objectos que havia, principalmente do meu lado direito. Havia uma mesa para pôr o bebé e coisinhas para depois o ajudar; também tinha alguns aparelhos.

E o que é que sentiu na presença de todo aquele material?

Não, não me assustei. Durante este percurso todo só me assustei quando eles disseram que o útero era demasiado baixo que o bebé não conseguia passar. Foi a única coisa que me assustou. O espaço em si não me assustou.

Na sala de partos como foi a sua relação com as pessoas?

Foi boa, com as enfermeiras ou com a médica que me assistiu ao parto. Brincávamos um pouco, dentro dos possíveis brincávamos um pouco. Acabámos por ter um bom ambiente apesar da dor, acabou por se ter um bom ambiente.

Já me falou do desconforto que lhe provocava a posição que tinha que adoptar mas em relação à privacidade o que é que sentiu nessa sala?

Como tinha referido anteriormente eu queria que me ajudassem e então não me fez diferença nenhuma ver os médicos a entrar. O pediatra que entrou para assistir, como ela foi tirada de ventosa, não me fez diferença nenhuma. Não tive qualquer pudor, digamos, não senti invadida a minha privacidade.

No final de todos estes acontecimentos qual é a conclusão que tira qual é o resultado?

O balanço?

Sim, exactamente.

Muito positivo. Acho que foi muito positivo. Fui muito bem atendida dentro daquilo que aconteceu e dentro de coisas, se calhar pontuais, mas um balanço muito positivo a nível de médicos e de enfermeiros. Acho que foi tudo muito bem tentaram fazer, penso eu, os possíveis para me ajudar nessa situação não foi possível teve que ser de ventosa pronto não interessa. O importante é que correu tudo bem e que a menina nasceu saudável. Comigo também correu bem. Levei uns pontos, mas correu também normal. Eu acho que foi muito positivo mesmo depois nos dias que lá estive mesmo os auxiliares. Foi muito bom acho que as pessoas são muito atenciosas, lá está dentro do possível.

Também compreendo que quando nós estamos a tocar à campainha desesperadas com dores e dizemos por amor de deus ajude-me faça alguma coisa elas também não podem ajudar como é óbvio, tem que se aguardar um certo tempo por isso eu acho que correu tudo muito bem fui bastante bem atendida

Ficou satisfeita com o resultado?

Sim, sim (risos)

Muito obrigada pela sua colaboração.

Entrevista 8 – L

Duração: 0: 15: 14

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
28	Meio urbano	Operária fabril	Ensino secundário	39 semanas

Quero agradecer-lhe ter acedido ao meu convite para participar neste estudo cujo objectivo é obter dados para caracterizar a experiência do nascimento no que se refere à relação da pessoa com o espaço ambiental. Relembro que será resguardada a sua identidade. Como combinámos irei usar o registo magnético que poderá interromper em qualquer momento. Futuramente, quando a análise dos dados for feita o registo magnético será destruído.

Que idade tem?

Vinte e oito.

Qual é a sua profissão?

Sou operária fabril

E a sua escolaridade?

É o décimo segundo incompleto

Onde viveu até à data do parto?

Em A...

Na cidade?

Sim, na cidade.

Quando o bebé nasceu quantas semanas de gestação tinha?

Tinha vinte e quase nove.

Vinte e nove?

Trinta e nove (risos), peço desculpa, sim trinta e nove, quase trinta e nove semanas.

É a sua primeira gravidez?

É.

Como decorreu a sua gravidez? Quer falar-me quer-me falar dessa experiência?

Gostei muito de estar grávida. Primeiro, gostei muito de a sentir a mexer. Aspectos negativos não houve. Não tive náuseas, não tive nada assim desse género. E então, gostei muito de estar grávida,

por acaso gostei. Ainda sinto falta da barriga, engraçado... (risos), foi mesmo um período bom. Portanto, correu tudo bem não houve nada que perturbasse a sua gravidez. Nunca esteve internada ali naquele serviço durante a gravidez?

Nada.

Portanto, não conhecia a maternidade quando foi para o parto?

Não, não conhecia.

Lembra-se como é que decorreu o seu parto?

Lembro porque foi cesariana com epidural e que me custou um bocadinho porque eu senti as dores. Eu acho que não fez efeito suficiente. Senti um bocadinho as dores de estarem a fazer a cesariana custou-me muito.

Uma história um bocado difícil, não é? Quanto tempo é que durou, o seu trabalho de parto?

Entrou a que horas?

Não faço ideia.

Até ir para a cesariana.

Entre a preparação... não sei... ela nasceu eram treze e trinta e nove.

Deu entrada quando?

Dei muito cedo mas depois tive que estar à espera. Estive a fazer o CTG, estive a fazer uma ecografia e depois é que fui. Por isso não tenho muito a noção do tempo.

Quando entrou já ia com alguma dificuldade? Já ia com contracções?

Não porque fui mesmo a propósito, ou seja, foi mesmo estipulado que nesse dia seria cesariana.

Ah, a cesariana já estava marcada.

Sim, sim exactamente.

Porquê? Porque marcaram a cesariana?

Porque a bebé dava sinais, numa ecografia, que teria mais de quatro quilos.

Ah sim, sim.

E então, o médico preferiu fazer a cesariana pronto para prevenir em termos de saúde dela, do bebé.

Claro, claro

Que seria melhor para ela nascer de cesariana.

E afinal, quantos quilos tinha?

Afinal tinha muito menos. Tinha três quatrocentos e sessenta.

Como é que quando lhe disseram essa notícia o que é que como é que sentiu?

Senti que não queria porque eu queria parto normal e até esse dia, ao dia que tive de entrar, estava sempre na expectativa. “Vai que pode ser hoje (risos), pode ser hoje ou pode...” estava sempre... mas não, não aconteceu, mas gostava que tivesse sido normal.

Portanto, este acontecimento perturbou-a, preocupou-a ?

Bastante!

E alterou as suas expectativas em relação ao trabalho de parto? Portanto, como não se lembra muito bem como é que essa experiência decorreu conte-me então essa parte relacionada com a cesariana, de ter-se sentido mal, como é que foi?

Portanto, tudo o que estava a correr bem. Depois, levei a epidural e veio o doutor. Só que eu senti. Senti o doutor a meter o bisturi. Não é que sentisse se calhar na realidade, o real mesmo, mas senti a maior parte das coisas. Senti puxarem, puxarem-na mesmo cá de cima, senti tudo só o que eu não senti foi ao fim foi quando me cozeram essa parte aí não senti nada. Depois levei mais, pelo menos pelo que eu ouvi, eu ia ouvindo a médica anestesista falar e então acho levei pelo menos mais duas vezes a epidural só que quando fez o efeito já estava no fim.

Esteve acompanhada com algum familiar?

Não, não

Durante a primeira parte.

Nada, pronto. Quando me estiveram a preparar, até aí estive com o meu marido.

Quando esteve na sala de cirurgia iam-lhe explicando, iam-lhe dizendo alguma coisa relativamente a esse desconforto que ia sentindo?

Eu falei com a anestesista disse-lhe que me estava a doer muito e ela o que me fez foi apertar-me a mão e dizer-me para aguentar para ver se a bebé nascia, para ver a bebé nascer e aguenta lá mais um bocadinho que ela está quase, está quase. Foi assim uma experiência um bocado dolorosa, portanto quando ela nasceu eu não sabia se havia de chorar se havia de rir porque foi mesmo horrível foi uma experiência horrível. Hoje em dia digo que já não quero mais mas pronto foi mesmo horrível porque entretanto eu até falei com a anestesista e disse-lhe que me tinha doído muito e que tinha sentido tudo e ela disse-me assim:”sentiu tudo não, se sentisse tudo tinha fugido” mas eu senti, eu senti pronto, senti praticamente... não quero dizer que se calhar se sentisse mesmo em sangue frio se calhar tinha desmaiado ou alguma coisa assim não é possível não é mas senti, senti dores.

Sentiu dor e também sentiu mexer?

Não é aquela, não é aquela... nós vamos ao dentista e dão uma anestesia e nós sentimos só aquela impressõzinha, não é mesmo dor. Foi mesmo dor é que foi mesmo eu senti a picada do doutor com o bisturi a cortar eu senti tudo.

Uma história um bocado complicada! Agora outra questão: quando entrou, no dia em que foi para a maternidade foi admitida numa sala numa sala pequenina.

Sim

É a sala de admissão.

Sim, sim, sim.

Subiu, entrou nessa sala. Pensando em todo o espaço que a rodeou nessa sala as pessoas, as coisas, os objectos, as cores das paredes, os ruídos, os cheiros, houve alguma coisa que lhe chamasse a atenção que a fizesse sentir melhor ou pior?

Não por acaso não, não sei, acho que a minha cabeça não ia para aí virada (risos) para estar a observar essas coisas mas que me chamasse a atenção logo assim não.

Quem é que a atendeu nessa sala?

Portanto foi lá em baixo.

Lá em baixo mas depois subiu.

Depois subi.

Até ao terceiro andar

Depois estive na sala de espera

Sim

E depois fui fazer o CTG, com uma enfermeira, depois tive que esperar outra vez para fazer uma ecografia com o doutor e depois é que fui para um quarto.

E esse CTG foi feito aonde?

Foi feito no consultório lá em cima não foi numa casa.

Numa salinha?

Sim, uma salinha sim onde tinha duas camas.

Então, depois foi para o quarto?

Depois fui para o quarto foram me fazer a preparação

A preparação, nesse quarto. Esteve sozinha ou acompanhada?

Estava lá uma senhora não sei o que é que se estava lá a fazer estava noutra cama e estava lá. Pronto, depois estive sozinha estive lá um bocadinho o meu marido mas depois saiu.

Nesse espaço o que é que sentiu relativamente àquilo que a rodeou: as pessoas que

entraram e saíram os profissionais que a atenderam, a privacidade, os ruídos, a temperatura, a luminosidade...

Gostei. Só acho é que nós, eu por exemplo, como não estou habituada a estar sozinha fez-me falta alguém próximo que estivesse comigo, por exemplo o meu marido. Esteve ali mas depois mandaram-no sair mas podia ter estado ali perto por exemplo, se corresse as cortinas acho que a ele não lhe fazia muita impressão.

Mandaram-no sair a que horas? Que horas eram?

Como lhe digo não faço ideia.

Era de manhã?

Era de manhã sim.

Então e saiu para fazerem a preparação?

Sim, sim, sim depois levaram-no.

Já não viu mais o seu marido?

Já não. Vi-o só depois cá em baixo quando fui para ir para a sala.

É isso que eu acho só como nós não conhecemos ninguém...

Sim

E acho há um bocadinho de falta só disso de uma proximidade de uma pessoa que nós conhecêssemos acho que é um bocadinho de apoio que nós tínhamos ali não é?

E relativamente às outras coisas, aos outros acontecimentos da sala aos ruídos ao aspecto da própria sala à luminosidade...

Eu por acaso gostei porque as enfermeiras eram todas muito simpáticas e pronto acho que tentaram descontraí-la e depois andaram lá com o fatinho dela a mostrar “olha tão giro” e não sei o quê e perguntaram-me como é que ela se chamava, pronto acho que eu gostei por acaso gostei, gostei bastante, não tenho assim nada a apontar.

Relativamente à privacidade sentiu que sempre que era feita a sua observação enquanto lá esteve, sentiu que a sua privacidade estava resguardada sentia-se bem com isso não tinha vergonha não...

Não, não tive vergonha.

Depois, quando entrou para a sala operações como é que se sentiu ali?

Sozinha lá está (risos) senti-me um bocado sozinha mas pronto tinha que ser mas depois correu só essa parte daí é que não correu lá muito bem. Mas pronto, de resto via-a nascer isso foi o auge, o parto foi muito custoso.

No final de contas qual é a sua impressão acerca disto tudo? O que é que tem a dizer?

Acho que eu por exemplo eu não sei se funciona assim mas enquanto me estava a dar mais uma dose de epidural os médicos não paravam ou seja, não sei se tem que ser assim, se têm que continuar a fazer o que estão a fazer se calhar até tem que ser assim.

Tem.

Porque eu estava a sentir tudo e pronto foi mesmo uma experiência horrível é só lá nesse aspecto é que eu tenho um bocado de pena porque podia ser uma coisa diferente. Mas foi assim porque foi mesmo uma experiência, que eu não quero repetir. Um dia que tenha outra, se tiver, mesmo que tenha quatro quilos não quero saber (risos) ou então é mesmo geral. Pois pronto, não sei se depois se me podia dar a anestesia geral. Entretanto, não sei como é que isso também funciona. Sei é que estive ali mesmo e dizia-lhe que me doía muito e que me estava a doer muito e depois elas davam-me mais, mais dose mas eu continuava a dizer que me estava a doer muito. Depois, a anestesista agarrava agarre-se aqui à minha mão está quase está quase, está quase, está quase e depois eu respirava a ver se desanuviava a ver se não sei, pronto, o meu instinto a tentar respirar como aqui nós fazíamos.

E depois, faça isso, faça isso está a ajudar a Mariana está a ajudar a Mariana e eu pronto respirava, respirava mas então as dores que eram tantas...

Há mais alguma coisa que me queira dizer?

Não de resto gostei muito pois gostei. O comer é que é intragável (risos) mas de resto pronto as enfermeiras e tudo gostei, por acaso gostei

Apesar de tudo sentiu-se bem?

Sim

Muito obrigada pela sua colaboração.

De nada.

Entrevista 9 – I

Duração: 0: 49: 38

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
26	Meio urbano	Socióloga	Ensino superior	41 semanas

Vou mais uma vez agradecer a sua colaboração neste estudo cujo objectivo é: “obter elementos para a caracterização da experiência do nascimento no que se refere à interacção da pessoa com o espaço ambiental”. Como combinámos, será feito o registo magnético. Na transcrição a sua identidade será resguardada.

Quero começar por saber a sua idade?

Vinte e seis.

Vinte e seis anos! E qual é o seu nível de formação?

Sou licenciada em Sociologia.

Presentemente qual é a sua ocupação?

Sou responsável de um gabinete de comunicação e marketing de uma entidade pública.

Onde tem vivido até agora?

Em Évora, nos últimos oito anos

E vive na cidade ou no campo?

Sim, na cidade. No centro histórico.

De quantas semanas foi a sua gravidez?

Quarenta e umas semanas.

E como é que correu a gravidez houve alguma intercorrência?

Não.

Alguma alteração...

Não. A gravidez correu muito bem eu nunca tive problemas nem eu nem o bebé. Ah, correu mesmo bem. Nunca tive inconvenientes nem enjoos.

Ah que bom (risos) Alguma vez esteve internada na maternidade por algum motivo? Já conhecia o espaço?

Não nunca lá tinha estado

Quando foi a primeira vez que contactou com aquele serviço?

Foi quando... quero dizer, foi a segunda porque eu tinha estado lá uma semana antes para fazer o CTG para ver qual era o ponto de situação uma vez que era suposto ele nascer quando se prolongaram as quarenta e uma semanas ou melhor quando atingimos as quarenta e uma semanas ai então disseram-me logo neste dia faz as quarenta e uma e então vem logo para cá para ficar. E nessa altura foi o segundo contacto, não directo claro

Bem, então conte-me como decorreu sua gravidez. Como foi viver essa experiência?

A primeira sensação foi muito estranha porque não foi uma gravidez planeada e designadamente quando soubemos ficamos os dois completamente aterrorizados. Mas, passada uma semana já andava aí aos pulinhos (risos) foram na altura do Natal. Portanto, foi uma notícia até bastante fácil de dar aos avós, uma prenda de Natal muito especial. E entretanto, quanto à gravidez fisicamente correu bem como já tinha dito mas nos primeiros tempos, uma das coisas que me disseram logo visto que as minhas amigas e as pessoas mais próximas tiveram bebés há pouco tempo portanto, isto vai tudo em escadinha praticamente. Mas uma das coisas que me tinham dito era que nós, nos primeiros meses, ficamos muito irritadiças e muito mal dispostas e muito contrariadas e eu na altura digo assim que exagero mas que disparate, mas é verdade. O meu marido foi um santo porque eu andava super irritada e quando a gente vê que é branco não pode ser branco tem que ser preto porquê? Porque sim (risos). E não nos apercebemos. Só tempos mais tarde é que olhamos para trás e pensamos assim: "Realmente eu (eu própria dizia na brincadeira), eu hoje estou que não me aturo... (risos); nem eu me aturo já". Como é que é possível uma pessoa chegar a este ponto? De facto, reconheço a paciência e a capacidade que eles também têm que ter para nos aturar! Ainda por cima eu tenho noção de que na altura, às vezes, a sensação que nos dá é de irritação, que eles não percebem nada daquilo que a gente está a passar, nada; está tudo ao contrário a gente sente tudo de uma forma à flor da pele e outra coisa que é, eu pelo menos senti isso, estar hipersensível: ninguém me podia dizer nada. Eu tive um casamento... (risos). Quando tive que me vestir e me vi ao espelho pensei: "...bem, eu assim estou enorme!" Daquelas coisas que nós numa situação normal, acho eu enquanto mulher, já ficamos sempre naquela coisa "ai não está bem, ai não sei o quê", porque não estamos habituadas ou isto ou aquilo, grávidas então... na altura até podemos pensar que estamos lindas e que a gravidez é uma coisa fantástica, e é de facto mas quando nos olhamos ao espelho... (risos). E olhei para mim: eu não acredito! E depois é porque dizem um bocadinho mais alto e não dizem mais baixo e a pessoa fica completamente desconjuntada... e se calhar não me aconteceu mais isso porque, por incrível que pareça, eu acho que os últimos nove meses foi a altura em que eu tive mais actividade, nos últimos tempos. Porque quando eu soube que estava grávida estava a ter um curso em Lisboa e ia e vinha durante a semana. Não sei como é que ele durou até

às quarenta e uma semanas (risos). Porque o meu receio era ele vir prematuro dado o excesso de actividade tanto que na véspera aquilo que as pessoas costumavam dizer e costumam é ai ande muito, ande muito coitado... ele estava mais do que habituado a andar muito (risos) e andar de um lado para o outro. Portanto, na véspera aquilo foi exactamente igual, mas pronto. E então foi um ritmo assim muito alucinante é mesmo isso e como tal a pessoa também está mais cansada e fica mais fragilizada com algumas coisas. Ficamos muito mais sensíveis para além da gravidez, muito mais sensíveis pronto. E depois a preocupação de ter que terminar alguns projectos antes de ele nasce, como... sei lá... coisas que tinha pendentes e que não se poderiam guardar para depois porque eu não estaria... e como não tenho ninguém a quem passar a pasta depois é mais complicado. Então foi assim, uns nove meses a mil à hora e ele portou-se lindamente (risos)...! E não sei como é que veio tão calmo mas foi principalmente isso, embora claro haja uma fase depois dos três meses que é quando nós começamos a sentir a barriga não é? Nos primeiros três meses (eu noutra dia via isto num filme) que é giro. No fundo nos primeiros três meses, que são os meses mais importantes de formação, de risco é quando nós não nos apercebemos que estamos grávidas, é engraçado. E passados esses três meses é quando começamos a sentir tudo, o corpo e todas essas coisas. Eu acho que é uma fase muito mais feliz, feliz no sentido da despreocupação, e de começarmos a sentir a gravidez pela primeira vez. Até porque vem a primeira ecografia vêm aquelas coisas todas e começamos a ter noção de que de facto estamos grávidas, pronto... (risos). Eu acho que a partir dos sete meses é mais preocupante. Eu nunca "stressei" muito com a hora do parto mas há coisas incríveis. Na véspera, na antevéspera, uma coisa assim, ligou-me uma amiga minha a dizer... é que às vezes há palavras-chave fantásticas e há outras que são de uma inconveniência impressionante... mas as pessoas não têm noção definitivamente. E então, telefonou-me a desejar a famosa "boa hora", "hora curta"... aquela coisa toda e não sei o quê e depois diz-me, como é que foi ? ahh... "não te armes em super mulher porque aquilo dói um horror; portanto; pede epidural, pede epidural porque nós não somos super mulheres..." Eu pensei: "bom é óbvio que não somos super...", Aliás, somos. Somos super mulheres porque a epidural é uma coisa muito recente portanto, nós somos super mulheres. Como é obvio que eu vou perfeitamente consciencializada. Quero levar a epidural se der, se der óptimo. Agora, também tenho que levar a outra parte que é: "se não der, também não podes entrar em pânico.... não, é porque é muito relativo. E depois, como se não bastasse esta entrada diz ainda assim: "e tenta perceber o que é que pode acontecer de mal que é para estares informada... (risos)". "E então, o que é que eu posso fazer, diz-me lá, se alguma coisa correr mal o que eu, eu na situação em que me encontro, o que é que posso fazer?" Eu não posso fazer nada o que é que eu posso fazer? A única coisa que eu posso fazer é ter confiança em quem

está a tratar de mim porque de resto o que é que nós podemos fazer nada não é? Quando a coisa corre mal nós, nós enquanto mulheres que estamos a parir não podemos fazer nada. Portanto, só podemos mesmo é confiar. E ela respondeu: “Pois...” E depois disto desliguei o telefone e pensei:”mas como é que é possível as pessoas não terem mesmo noção.... Também me disse assim: “ mas eu só espero que o teu parto corra também como o meu porque o meu filho está ótimo...” Eu pensei assim: “então ainda bem que a tua experiência foi positiva porque se fosse negativa o que me iria dizer...”(risos)

Parece-lhe que a opinião desta pessoa interferiu nas suas expectativas relativamente ao parto?

Pois, eu acho que no parto não teve influência. Agora nós, queiramos ou não, por mais optimista que uma pessoa seja e por mais positiva há sempre uma margem de insegurança porque, ao fim e ao cabo, vamos para uma coisa pela qual nunca passámos. E ainda que já tivéssemos passado é sempre diferente. E portanto também não sabemos ao que é que vamos. De certa forma há aqui uma parte que nos diz vai correr tudo bem mas há outra também dos “fantasminhas”...não, não vou por ai, não é. Não vou andar feita “coca-bichinhos” a pensar que alguma coisa vai correr mal. Não, vai correr tudo bem se alguma coisa correr mal também lá hão-de estar as pessoas para dar resposta. No fundo, aquilo que me faz confusão é saber como é que uma pessoa, ainda por cima que já teve filhos, e cujo parto também foi induzido vai convencer a outra que a indução do parto é horrível, dá dores horríveis, as contracções são péssimas, são muito piores do que o normal...! Eu não sei o que é normal. Portanto, nem sequer tenho ponto de comparação como é que eu posso dizer que é mais ou menos do que o normal e no fundo o que me fez confusão foi como é que uma pessoa que me é tão próxima não teve a noção de que aquilo de alguma forma me poderia trazer não uma boa coisa mas uma má preparação. Mas que falta de sentido de oportunidade!

Ficou um bocadinho preocupada?

Mas claro que sim. Entretanto, também falei com o meu marido e disse-lhe: “olha bem o disparate” e ele respondeu “ahh isso... não te preocupes...” Mas que raio de conversa era uma coisa que eu nunca diria, ainda que eu pensasse. Nunca diria porque todos nós sabemos até numa cirurgia normal as coisas podem correr mal, mas para o mal estamos sempre prontos. Lembro-me na preparação para o parto que foi uma das coisas que nos dizia quando estávamos deitadas era que “vai correr tudo bem, e que é isso que têm que pensar...” É exactamente isso porque se nós entrarmos com uma visão pessimista ah! pois claro que corre mal porque necessariamente se tiver que correr mal ainda corre pior porque a pessoa...

Está a pensar que vai correr mal.

Exactamente. Aliás, eu aplico isso em tudo na vida (risos) tem mesmo que ser assim. Quer dizer, se pode correr mal pode correr bem; então porque é que eu hei-de optar pelo mal. Vou optar pelo bem não é?

Quando chegou à maternidade percorreu vários espaços...

Sim

O primeiro contacto que teve depois da urgência foi a sala de admissão, uma sala mais pequenina. Nesses três espaços que percorreu esse foi o primeiro que era a sala de admissão.

Sim.

Qual foi a sensação que teve no contacto com aquele ambiente pensando nas pessoas que atenderam, nos objectos que viu, no ar que respirou, na luz que sentiu, nos ruídos que ouviu, no ambiente de uma forma geral, o que é que sentiu?

A entrada foi um bocado confusa. Eu fui para a urgência e entretanto subi. Tive que ficar à porta à espera que me chamassem. Entretanto, veio uma enfermeira que me chamou para ir para a dita sala de admissão para me despir e pôr uma bata: "...espere só que a pessoa e tal saia e a seguir entra; está lá uma casa de banho troca-se e espera um bocadinho." Nisto, a enfermeira foi-se embora e eu fiquei ali. Fiquei à espera a olhar para a porta à espera, à espera, à espera nada. Nesse entretanto entraram mais uma série de pessoas porque ao lado da sala de admissão está a recepção. Aí está a senhora que faz o secretariado e portanto a quem normalmente as pessoas se dirigem quando têm dúvidas. E então, quando eu olho para o meu lado já estavam três ou quatro casais para além de mim à espera, com certeza de outras coisas embora aquilo não seja sala de espera. Mas como as pessoas não sabem entram e ficam ali e a médica que estava de serviço chegou e disse: "Mas não podem estar aqui. Não pode ser. Vá, tudo lá para fora." E eu disse-lhe: " Olhe, eu estou à espera para entrar porque me indicaram..." "Sim, mas espere lá fora". Portanto fui lá para fora outra vez. Entretanto, a enfermeira que me tinha dado indicação já andava à minha procura... porque eu já não estava no corredor, ainda não tinha entrado para a sala de admissão, onde é que eu andava... Estive mais um tempo à espera e pronto, entrei para a sala de admissão. Aquilo é uma casa de banho muito pequenina e quando saí já tinha a bata. Dei a roupa e deram-me um saco preto para a pôr. É um bocado esquisito. Mesmo ao longo de toda a gravidez eu fui ao hospital, foram feitas as ecografias só mesmo na última fase é que me fizeram o toque e nunca estive exposta como estive naquele momento. Porquê? Porque entramos, saímos da casa de banho e entramos directamente numa sala onde há médicos e estão duas enfermeiras que vão respondendo e vão fazendo um questionário para saber as alergias os contactos. E nisto, nós estamos numa maca completamente

nuas não é, com a bata só por cima e destapadas e na posição de observação ginecológica e quer dizer eu estava ali de..., de..., de..., completamente exposta, com duas enfermeiras à minha frente muito queridas e com uma médica a falar comigo. Mas quero dizer tudo aquilo é novo e é muito estranho. De facto, já me tinham dito que nos primeiros minutos é muito esquisito mas ao fim do primeiro dia já estamos habituíssimas que aquilo é o normal.

Quer dizer então que relativamente à privacidade sentiu que havia alguma interferência no seu bem-estar?

Sim, sim

Diga-me mais alguma coisa em relação a isso.

Eu acho que há falta de privacidade porque, no fundo, é a própria disposição dos materiais. Não é que as pessoas sejam... que nos façam sentir mal, não é isso, até porque as enfermeiras foram muito atenciosas. Mas é a própria disposição das coisas. A marquesa está precisamente em frente à secretária do médico. Portanto, nós estamos deitadas e estamos... eu estou a falar e nem sequer consigo olhar para a cara do médico, não é? E em vez de ele ver a minha cara vê o meu corpo todo. Quer dizer, é como se estivéssemos a fazer o pino (risos...) e alguém nos está a olhar assim! É muito estranho, para quem acaba de entrar e ainda por cima numa situação completamente nova, porque eu, ainda por cima, entrei para induzir o parto. Foi assim um bocado estranho, ninguém explicou muito bem o que é que se ia passar. Portanto, não foi aquela situação de quem entra e que já sabe: rebentaram as águas e a pessoa vai parir. Não, eu não sabia o que é que me ia acontecer. Portanto, esta entrada, esta exposição logo à partida também obriga um bocado a pessoa respirar fundo e pensar: bom, isto é só o principio vamos ter calma e vamos ver o que é que se segue. E no principio a médica que lá estava também não... Não há uma recepção não há (e isso foi o que eu senti) um “como é que se sente, como é que está, olhe agora vai fazer isto, aquilo. Não aquilo é tudo uma fábrica, não é? Agora entra vai para a casa de banho se faz favor, despe-se põe a bata e agora vem aqui para cima e agora vou ter que rapar-lhe os pêlos e enquanto estou a responder ao questionário está uma enfermeira a raspar os pêlos e nós estamos completamente em exposição. Eu acredito, naquele caso, para os profissionais é uma coisa perfeitamente normal mas de facto para quem entra pela primeira vez não é fácil e podia ser feito de outra forma se não fosse possível ser feito de outra forma nós tínhamos que aguentar, entre aspas, e fazer. Agora, sendo possível não era nada de desperdiçar, no fundo é isso.

Sentiu-se desprotegida?

E exposta!

E exposta na sua privacidade?

É, um pouco...como é que eu hei-de dizer pouco atendida no sentido da atenção que nos dão, não é daquela amabilidade que se espera quando se chega. E quando eu digo que é fácil de resolver é porque bastava a marquesa estar noutra posição. É curioso porque bastava só que, não sei se está assim por algum motivo, mas eu acho que não porque a enfermeira está à minha frente, portanto também não é para o médico ver coisa nenhuma bastava, que a marquesa estivesse na lateral de modo a que a enfermeira esteja à minha frente a fazer o que tem a fazer; eu estou a olhar para o médico, estou a responder e a olhar cara que é uma coisa importantíssima quando nós estamos a ser cuidados não é? O olho no olho pelo menos para mim é fundamental. É muito importante até porque é a sensação de que a pessoa que está a cuidar está a ver quem é que está a cuidar e eu estou a ver quem é que está a cuidar de mim portanto, logo aqui há um atendimento personalizado acima de tudo. É isso, pronto, foi o que senti.

Então, depois desta experiência tão... digamos, viva...

Ahh... e depois, lembrei-me só de uma coisa, peço desculpa, que é a história de despirmos a roupa e pormos num saco preto...ai, por amor de Deus, desculpem lá que horror... (risos). Parece que entramos num mundo completamente paupérrimo, em que não há outra alternativa. Eu não acredito... aquilo o saco preto parece um saco do lixo aqueles sacos pretos que a gente vai rasgando...O que é que custa, ainda por cima eu vinha preparada para ficar, portanto trazia malas ia ficar num quarto de certeza ou seja este percurso podia ser um bocadinho ao contrário se eu vou ter que ficar num quarto então vou para o quarto, não é? E troco de roupa guardo a minha roupa ponho uma bata e a partir dai começa o processo. E depois, ainda por cima a bata é aberta, ou atrás ou à frente. Então, quando nós saímos do balcão de admissão estamos no corredor que dá para a entrada das pessoas que vão ter consultas e que estão com os maridos. Portanto, saímos e estamos num corredor onde estão o resto dos "civis", onde estão as pessoas comuns que não são doentes, são utentes. E quando a pessoa sai de lá de dentro vai agarrada à bata, como é óbvio, para não ficarmos totalmente expostas. Outra coisa que não se percebe é porque não arranjar ou outra coisa ou outra forma de atendimento porque no fundo nada daquilo que foi feito ali não poderia ser feito noutra espaço: a conversa e o responder a um questionário, perfeitamente possível e fácil; a história do rapar os pêlos a mesma coisa ou então dar-nos oportunidade de antes disto apanharmos um robe que, normalmente, até trazemos connosco ou uma outra coisa qualquer e poderemos pôr, por cima da bata. Porque assim que saímos estamos, mais uma vez, expostas às pessoas lá de fora, é uma pena, e com o saco do lixo na mão. Depois, andarmos a passear o saco com a roupa lá dentro quero dizer é uma coisa, é pouco dignificante, é pouco dignificante é mesmo isto. É pena mas é verdade podia ser muito mais e quando o que está em causa aqui até era isto

não se punha não era suposto colocar-se uma questão destas de dignidade. Fez-me confusão por isso. Claro que não foi nada de extremo. Quando concluo parece que foi uma experiência horrível não, não é isso! Mas de facto, é pena porque há pormenores que são fundamentais para ter uma boa experiência e no fim não foi tão boa por pequenas coisas que são perfeitamente fáceis de alterar.

Parece que o facto de ter entrado sem ser em trabalho de parto permitiu-lhe olhar para aquele ambiente e dissecá-lo. É muito interessante esta sua observação assim tão detalhada.

Agora queria que, relativamente ao espaço seguinte que percorreu - a sala onde fez a dilatação - me descrevesse as situações que vivenciou pensando nas mesmas questões: a privacidade, as pessoas, o ambiente envolvente em termos de conforto, os ruídos, a luz, os cheiros, os profissionais que a atenderam e ainda mais na companhia que teve (esteve eventualmente acompanhada com outra grávida e seus familiares). Em resumo, o que é que sentiu que tenha tido interferência nesta sua vivência em relação ao espaço ambiental?

Há uma coisa logo á partida antes de chegar ao quarto que é o corredor. É escuríssimo aquele corredor todo é muito escuro e é uma pena porque há fotografias de bebés penduradas. Há algum cuidado até, mas aquilo está escuríssimo. Os quartos já não são assim e são ótimos porque as janelas são enormes e, parecendo que não, uma pessoa levanta uma persiana e leva assim com o sol. É fantástico! E isso foi uma das coisas que reparei logo em relação ao resto é muito curioso perceber que no mesmo espaço, consoante as pessoas que estão, o espaço é completamente diferente pelo ruído pela forma de atendimento pela distorção que isso nos traz, pela segurança que nos dá. Porque o desempenho do profissional dá-nos segurança se eu for bem atendida. Se à primeira vez eu não tiver problemas nenhuns quando a enfermeira vem pela segunda vez até quero, não é? Agora, se eu não for bem recebida estou desejando que não me apareçam, nem quero já pensar nisso (riso) pronto. E o que aconteceu aqui foi: nós, e quando eu digo nós digo eu e o meu marido, nós apanhámos nesse dia três turnos de enfermeiros e isto é muito importante também porque temos um turno das oito às quatro, outro das quatro à meia noite e outro da meia noite às oito. E isto é incrível como é que em horas diferentes do dia e consoante a equipa que temos as coisas mudam radicalmente. Quando eu entrei as duas enfermeiras que estavam muito queridas atenciosas simpáticas correu bem das quatro às seis fantástico, fantástico. Apanhámos duas enfermeiras do mais doce que há, com um atendimento uma coisa excepcional. As da manhã portaram-se bem, foram super competentes, simpáticas tudo bem, mas faltou aquela coisa do calor humano: ali estamos nós a ser simpáticos para receber simpatia em troca, é um bocado isto de conquistar quase quem nos está a cuidar para ver se recebemos um sorriso, isto no extremo, claro.

Mas na tarde apanhei uma enfermeira queridíssima, queridíssima, queridíssima, que até a fazer o toque nós pensamos como é que é possível a diferença da mão, da conversa... só o facto de a pessoa estar a falar connosco quando está a fazer aquilo porque vai correr tudo bem porque não, não dói nada... porque são dois minutos....porque respire D. Inês.... Esta é outra coisa que eu achei engraçadíssima: esta enfermeira teve o máximo cuidado no tracto, o tratar por você, o “dona” qualquer coisa... de manhã não, a da manhã foi consoante a idade. Se for uma pessoa mais velha já é com certeza dona não sei quê se for mais nova já é só o nome o que não quer dizer que seja mau trato não é isso mas quando aparece depois uma pessoa assim e tão doce porque era mesmo a pessoa sente-se completamente diferente e muito mais amparada, não tem nada a ver, e isso foi até à meia noite, depois da meia noite é o descalabro... (risos) Uma barulheira, descomunal porque umas tinham vindo de férias porque não sei o quê... pronto, a gente também percebe, mas ao mesmo tempo nós não temos que perceber porque é meia noite, meia noite quer dizer, a pessoa está ali e está a tentar dormir está a tentar abstrair-se um bocadinho. Portanto, da meia-noite às oito eu não vi as enfermeiras praticamente. E quando as vi foi porque as tive que chamar. Outra coisa que eu reparei: eu tive que perguntar o nome a todas porque ninguém se identifica, ninguém está identificado e ninguém se identifica. Não há preocupação de, por exemplo, às quatro da tarde a pessoa que se vai embora ter a amabilidade de chegar ao pé de nós e dizer olhe o meu turno acabou boa sorte, qualquer coisa não é? E... vou ser substituída pela enfermeira tal porque, no fundo, as pessoas vão-se embora mas nós continuamos lá com o mesmo problema com o processo a decorrer e mais já com não sei quantas horas de espera não é? Portanto, se tivermos este cuidado é ótimo porque é completamente diferente quando eu estou a lidar com uma enfermeira e ela a seguir desaparece de repente e quando preciso já me aparece outra. E isto, para quem está numa situação de internamento, é complicado. Portanto, esta troca de turnos podia ser feita de uma forma mais humana, um bocadinho mais delicada pronto, isso foi uma das coisas que eu senti. Depois, também é curioso ver que o trabalho de uma enfermeira que está das oito às quatro não tem nada a ver com a enfermeira que está da meia-noite às oito. E no entanto, a disponibilidade é completamente diferente, completamente. Devia haver cuidado em falar baixo, manter o sossego independentemente de ser uma zona em que a qualquer hora entra alguém para ter um bebé. E ainda por cima depois estamos sozinhas a partir da meia-noite, já não temos ninguém connosco é assim um bocado estranho, embora a pessoa esteja tão estoirada que adormece rapidamente. Então esse foi um dos aspectos que eu também reparei, a troca dos turnos. Depois as enfermeiras a diversidade de comportamentos que há e mesmo na atenção. A parte das auxiliares que é igual porque, de facto, consoante a pessoa temos gente afável competente ou não. Eu detectei que uma

das auxiliares era um doce, uma querida, super atenciosa, mesmo amorosa e depois temos outras que estão numa ponta do corredor e falam lá para a outra, gritam porque não sei quê... depois porque vem o almoço e o que é que quer comer... e não há bom dia, não há um boa tarde e no fundo perde-se um bocado por isso. Eu, por exemplo, uma das coisas que reparei não tanto aqui mas lá do outro lado é que as enfermeiras são excepcionais todas são umas queridas e as auxiliares são de fugir. Não há o mínimo, para já de... já não digo não é educação porque as pessoas algumas até são educadas mas é. É, porque a questão é essa... (risos) o papel delas ali é fundamental: dar uma banheira, vir, dar de comer, dar o apoio enquanto as enfermeiras estão a trocar turnos e estão preocupadas ou estão a dar apoio a outras coisas mais sérias são elas que nos atendem. Então esse atendimento também tem que ser um bom atendimento porque o papel delas é fundamental. Eu acho que ali pecam um bocadinho por não se aperceberem da importância que têm para o bem-estar das pessoas que lá estão.

Profissionais com quem se relacionou foram enfermeiras, auxiliares e...

E médicos. Aconteceu outra coisa curiosa: eu vi os médicos no primeiro dia, no segundo e quando de facto chegaram à conclusão que tinha que ser cesariana e no sábado. Portanto, três dias em cinco e no último para me darem alta mas na sexta-feira não vi o médico... (risos)

Portanto, durante o seu trabalho de parto houve uma altura em que se decidiu que ia fazer cesariana?

Exactamente, é incrível porque quando entrei isto tudo correu bem e deu de facto para reparar nestas coisas. Mas as enfermeiras foram impecáveis depois logo no dia a seguir às oito da manhã quando a coisa fica mais crítica apanho uma enfermeira do pior.

Passaram-se vinte e quatro horas entre tanto?

Exactamente. Mas acontece que as enfermeiras têm imenso trabalho e isso é uma coisa que é impressionante porque no fundo quem faz os partos são as enfermeiras, não são os médicos, a maioria dos partos.

Às oito da manhã eu acordo e a questão é saber qual é o ponto de situação? Muda o turno, mudam os médicos e o que é que estes médicos que vão entrar agora vão decidir fazer. Portanto, eu até às oito acordei e entretanto fiquei à espera que me dissessem alguma coisa. A enfermeira que aparece vem ter comigo "é você que vem para a indução não é? está a tentar induzir desde ontem; os médicos vão ver agora o processo e daqui a nada já cá vêm e falam consigo" Nisto vêm os médicos tiveram ali um bocadinho comigo, bastante simpáticos até, Às sete e tal da manhã entrou uma outra grávida para o mesmo quarto que eu. Até à data ainda não tinha tido ninguém naquele quarto mais comigo. Entrou às seis e tal devia estar com contracções; tinha a cortina corrida e tinha, de visita, a

sogra. E nisto, a enfermeira entra-me pelo quarto dentro e diz-me assim: “tenho que lhe fazer o toque para ver se isso evoluiu ou não” e eu respondi “ está bem, está bem, mas se não se importa feche a porta” Lá pôs a outra senhora fora e fechou a porta. Mas de facto eu tive que lhe dizer e isto são coisas que eu acredito quem está a trabalhar há muitos anos já lhe passe ao lado, mas não pode passar porque é de uma falta de tudo, e acima de tudo é uma forma de respeito. Entretanto, ela fez o toque viu que ainda tinha só dois dedos de dilatação, uma miséria... (risos) Vieram os dois médicos fizeram o toque e decidiram que eu lavaria outra vez as drogas do costume para tentar induzir ao máximo para evitar ter de fazer a dita cesariana. Nisto e já que eu era não sei quê ia para um quarto individual. E fui para o quarto individual e fico a levar as ditas drogas e sempre monitorizada o CTG e aquela coisa toda. Estava uma outra enfermeira, que estão sempre duas, essa era mais atenciosa mas nem por isso simpática. E nisto houve uma situação incrível porque o bebé no dia anterior tinha tido o batimento cardíaco normal e no fim desse dia eu começo a deixar de o ouvir e chamei a enfermeira duas ou três vezes: “ olhe eu não o ouço, é desta da posição”. Tudo ali já estava a indicar que havia qualquer coisa que não estava bem. E nisto, a outra enfermeira andava de um lado para o outro porque tinha partos para fazer e a dada altura ela entra no quarto e olha para o CTG e diz assim: “ esse bebé não aguenta um trabalho de parto e vai-se embora...” Eu e o meu marido ficámos os dois completamente parvos, não é, a olhar e a pensarmos “isto é surreal”. Entra, nós estamos numa situação que pelos vistos já é anormal e potencialmente crítica e no fim esta senhora entra aqui diz e vai-se embora de ânimo leve, uma coisa fantástica. Entretanto ela recebeu uma notícia de que teria um familiar doente. Nada justifica isto. Nós por acaso não somos pais stressados, não entramos em pânico, mas tinha tudo para entrarmos em pânico. Então, eu estava lá quase há vinte e quatro horas a indução não deu em nada estava a segunda vez a levar drogas e drogas, sem comer, e a deixarmos de o ouvir de um momento para o outro N vezes... Quero dizer, por mais sangue frio que uma pessoa tenha não é? Então aí comecei a alterar-me um bocadinho. Comecei a ficar nervosa e a pessoa quanto mais nervosa está pior é não é? Mais dores necessariamente. Está tudo contraído e quando os médicos me vêm ver pela segunda vez ou seja depois de eu já ter tido as drogas todas eles vêm ver como é que o processo está a evoluir e o que é que vão decidir vêm ter comigo eu já estava, estava numa pilha só me apetecia era chorar. Depois, queria fazer chi chi não conseguia, já não sabia se era a sensação do fazer chi chi ou não. As minhas águas nem sequer tinham rebentado. Então vieram-me com aquela agulha tipo de crochet para rebentar o saco. Então, era o médico a tentar apanhar e a respirar e a pensar “não me vou stressar, tu tem calma, não me vou stressar...” Entretanto, vieram pôr mais não sei o quê intravenoso e disseram-me assim: “agora vai começar a doer, agora é que vai ter dores...”

e eu "...está bem...". E de facto foi. Cheguei aos quatro centímetros de dilatação." se isto é assim aos quatro, aos dez morro... (risos)". E depois, quis ir à casa de banho. Lá fui à casa de banho e lá vamos nós com as célebres batinhas. E quando chego ao fundo do corredor junto às salas dos CTG para as parturientes não estão internadas, os maridos estão à porta. Portanto, nós andamos ali de bata, não é? E de repente, dou de caras com três ou quatro maridos ao fundo do corredor. Tudo aquilo era desnecessário. O problema não é eles lá estarem. O problema é a maldita bata que podia ter outras condições. Mas pronto, então lá fui à casa de banho e quando regresssei, como já tinha os quatro centímetros pedi epidural. Lá me fizeram porque já estava pedida, já tinha o papel assinado já tinha aquelas coisas todas. Fazem-me a epidural e eu volto ao CTG e nisto, o médico que andava ali a rondar assim como quem não quer a coisa espreita e diz:" Então, isto está mau não? Às três vamos para o bloco". Passado um bocado entra, olha para o CTG e diz-me assim:" Ela (a enfermeira) não está a gostar e eu também não. Vamos embora". Foi assim, fulminante! Chegou uma auxiliar, duma antipatia terrível, todas muito abrutalhadas e põe a arrastadeira e tira a arrastadeira e tudo aquilo é horrível. A pessoa tem que estar sujeita a uma série de coisas e tem que ser algaliada... e de facto, ou a pessoa leva aquilo numa grande desportiva ou então é horrível. Facilitou o ter levado a epidural porque eu estava anestesiada e então não me fez quase confusão. Antes de ir para o bloco a enfermeira ainda passou por mim e disse-me assim: "Ele deve ter o cordão umbilical à volta do pescoço ou uma coisa assim. Portanto é natural que vão fazer a cesariana." Voltamos ao mesmo, pensei. Para ela é uma coisa banalíssima, eu não entro em pânico até porque já estava a pensar agora só podia ser cesariana se não, não anda nem desanda e a criança tem que sair não é? Entretanto, eu só entrei em pânico ou só me preocupei mais quando entro no bloco e me dizem que a anestesia é geral. Anestesia geral? Para quê? Se é cesariana para que é que é preciso fazer anestesia geral? Oh! Isto começou-me a ferver em catadupa. Vou levar anestesia e já não acordo... (risos) eu já estava a fazer o filme todo. Lá aquilo é com máscara. O anestesista pôs-me a máscara e eu "apaguei". Só acordei três horas depois o que é muito estranho. E eu, nos últimos tempos por acaso tenho pensado nisto, (isto é um aparte) que é estranhíssimo a pessoa não sentir a saída deles. Eu deitei-me, adormeci grávida e acordei não grávida e este vazio que há aqui é muito estranho, é esquisito. Noto que faz falta, ainda que a pessoa sofra aquelas dores, aquela coisa toda mas faz falta vivenciar esta saída deles. No fundo nós estamos nove meses à espera, à espera, à espera de quê, de uma anestesia geral? Não, de certeza não é mas pronto, teve que ser e felizmente correu tudo bem e ele está aqui inteiríssimo...

Deixe-me só fazer-lhe mais uma pergunta relativamente à questão da privacidade. Quando fez o tal reparo à enfermeira que ia observá-la no quarto foi o único momento em que sentiu,

nessa área, portanto na sala onde fez a dilatação, sentiu falta de privacidade foi aí e quando atravessou o corredor só com a bata?

P - Foi porque era a primeira vez que eu tinha mais alguém no quarto e porque todas as outras tinham tido o cuidado de, sempre que chegavam diziam: "Olhe, se faz o favor e não se importa agora sai". Nem o meu marido podia estar porque as enfermeiras pediam sempre para sair quanto mais agora quem quer que fosse. Uma outra grávida estar ao lado é claro inevitável até porque há coisas que se dizem há todo um diagnóstico que é feito que só a nós diz respeito nem ao outro doente que está ao lado diz respeito quanto mais às visitas e afins. Portanto, às vezes há aqui uma perda de sensibilidade e de noção das coisas. Eu acho que de x em x tempos os profissionais deviam passar a doentes e faziam esta reciclagem e sentiam na pele o que é estar do outro lado porque ao fim de um tempo as pessoas ficam insensíveis perdem a sensibilidade do que é estar do outro lado e isso é importantíssimo.

Bom eu vou então agradecer-lhe, não lhe quero tomar mais tempo, esta entrevista riquíssima com tantos contributos para o meu estudo e desejar-lhe que corra tudo bem.

P - Muito obrigada.

E que da próxima vez, que vai haver com certeza, tenha a possibilidade de viver de outra forma porque cada experiência nos dá essa possibilidade.

Muito obrigada pela participação.

P – Obrigada

Entrevista 10 – E

Duração: 0: 13: 58

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
29	Meio urbano	Empregada comercial	Ensino secundário	41 semanas

Antes de iniciar a nossa conversa agradeço-lhe ter aceite o convite para participar neste estudo. Garanto-lhe confidencialidade pois apenas pretendo conhecer a sua experiência e interpretar o seu significado no qual se pretende recolher informação no que se refere à vivência do nascimento e a interação das pessoas com o espaço ambiental. Como combinámos será feito o registo magnético. Na transcrição a sua identidade será resguardada.

Vou começar por lhe perguntar que idade tem?

Vinte e nove anos.

Qual é a sua ocupação?

Sou empregada comercial.

Que escolaridade tem?

Décimo primeiro...

Onde tem vivido?

Num bairro perto da cidade

Quantas semanas durou a sua gravidez?

Trinta e oito semanas e dois dias.

E como é que decorreu este período da sua vida

A gravidez em si correu bem. Não foi uma gravidez planeada, mas foi bem aceite (risos).

Quer-me falar, então, da experiência da gravidez? Como é que se sentiu durante esse período...

No princípio, um bocado receosa... aquele receio de não conseguirmos dar conta do recado... acho que essas coisas me preocuparam muito.

Então, essas preocupações duraram algum tempo?

Duraram... pelo menos ... três, quatro meses... É complicado. Depois temos de ver se falta alguma coisa, se falta algum dinheiro para ir ao pediatra, se falta... sei lá... alguma roupa...aquelas coisas. De resto, na gravidez, nunca tive assim mais nada...

E houve algum aspecto relacionado mesmo com a própria gravidez, que tivesse preocupado?

Houve uma vez que o médico me disse que a bebé era pequenina e eu aí assustei-me um bocadinho; depois comecei a pensar: “bem, é pequenina deve ser algum problema”. Depois, à noite, às vezes dava por mim a pensar nisso... No fim, não havia problema nenhum... (risos). Estava tudo bem.

Esteve alguma vez, então internada... já tinha estado internada naquele serviço?

Não. Mas conhecia o espaço. Fui visitar antes de o bebé nascer.

Portanto, já conhecia o espaço.

Já.

E lembrava-se?

P- Lembrava.

Lembra-se como decorreu o seu parto?

Eu estava em casa e o rolhão saiu. Depois, passado um tempo a bolsa das águas rebentou. O meu marido começou a dizer: “...temos de ir, temos de ir... E eu dizia: “Ainda não... tem calma, que ainda não está na hora”. Às tantas, saiu mais um pouco de líquido... fiquei com as calças todas molhadas e o meu marido disse: “Já não esperamos mais, vamos embora”. Fui para o hospital, fiz a admissão, falaram com a enfermeira e a conversarmos e ela diz ao meu marido: “Ah, isto ainda não é hoje. É só amanhã”. Entretanto, fomos para o quarto. Ligam o CTG e deixámos de ouvir a l...: ouviu-se o “piiii...”. Chamaram a médica, que ficou muito aflita... Eu tinha feito um descolamento de placenta. Ou seja, a Inês estava a entrar em sofrimento e eu acho que também... acho que corria algum risco. Mas foram tão rápidas, tão rápidas que eu não me apercebi de nada. Correu tudo muito bem e não tenho na de mal a dizer do hospital. Correu tudo bem, acho que não podia ter corrido melhor.

Neste caso, é uma história curta em termos de permanência no serviço...

Sim.

Mas o que eu estou a tentar perceber é qual foi a sua relação com o ambiente durante a sua permanência. Quando chegou entrou para a sala de admissão...aquela sala de entrada pequenina. O que sentiu em relação aos objectos que lá estavam, às cores que apresentavam, à temperatura, aos ruídos, às pessoas, aos aparelhos que lá estavam... o que é que sentiu em relação ao ambiente que a rodeou?

Eu acho o que mais me ajudou foi a senhora enfermeira. Quando lá cheguei percebi que a conhecia. Então, aí nós sentimo-nos muito mais à vontade. Não é? E... em relação ao espaço...acho que podia ser um bocadinho mais...podia ter um bocadinho mais de luz... (risos) Acho...que aquela sala é um bocadinho escura, acho que podia ter um bocadinho mais de luz.

Deixe-me só clarificar uma questão: esta questão da pouca luz desperta em si um sentimento de que tipo?

Acho que... acho que não é mórbido, não bem o ser mórbido... é triste, não é? Nós entramos para uma sala que não tem qualidade, não tem luz, aquilo falta ali qualquer coisa, não é? Falta... a luz inspira-nos, a luz dá-nos outra alegria, não é? (risos) Entrarmos para uma sala escura, parece que vamos ficar de castigo, não é?

E que horas eram?

Ora, eu entrei para o hospital devia ser para aí... umas seis horas e a bebé nasceu às 7 e 15. Em relação ao material em si, como os utensílios, não tenho assim... nada a dizer.

Tinha alguém a acompanhá-la?

Sim, o meu marido.

Também faz parte do ambiente...

E sentimo-nos mais seguras com a companhia deles (risos)...

A seguir, saiu daquela sala...

Saí daquela sala, fui para o quarto...

Sim...

Onde me ligaram ao CTG... tranquilizaram-me... Primeiro deram-me um rebuçado... (momento em que a senhora acalma a bebé)

E então..., quando entrou para o quarto estava, em termos de... conseguir olhar para o ambiente?

Sim.

Naquela sala de dilatação ficou acompanhada também pelo o seu marido?

Fiquei.

Vou fazer-lhe a mesma pergunta em relação ao espaço: a luminosidade, os ruídos, outras pessoas a entrar e a sair, a privacidade, como se sentiu? Estava acompanhada com outra parturiente ou estava sozinha?

Eu estava só com o meu marido. Eu prefiro estar acompanhada do que estar sozinha, sinto-me mais segura. Ah, eu sei que há pessoas que preferem ter a sua privacidade, mas eu se estiver acompanhada sinto-me mais segura. Agora sei que talvez seja o receio de ter de pedir ajuda e não ter ninguém. Não sei explicar, mas eu sinto-me melhor se tiver alguém, se tiver uma companheira no quarto comigo.

Mesmo que não seja conhecida?

Acho que aí é uma questão de procurarmos entender-nos.

Então, vamos voltar outra vez ao mesmo sítio. Quais foram as sensações que desenvolveu, nesse pequeno espaço, na relação com o ambiente? Esteve lá quanto tempo? Uma hora?

Não.

Nem tanto?

Nem tanto.

Portanto, foi muito rápida a sua estadia. Deu, então, para se aperceber de alguma coisa?

Relativamente a estas questões do espaço ambiental?

Aquilo foi tão rápido, tão rápido que...

Não teve tempo?

(Risos)

Não. Não tive...

Portanto, foi observada ali. Sentiu a sua privacidade resguardada? Sentiu-se confortável?

Sim. Não... Não tive... Para já, quando a doutora entrou, fecharam a porta.

Portanto, fizeram um toque.

É uma coisa tão natural ter um bebé... não podemos ser tão inibidas...

(Risos)

Quer-me dizer mais alguma coisa relacionada com esta experiência, do parto, da relação com o ambiente... Foi uma experiência gratificante, apesar de tudo?

Foi, foi, apesar de tudo. Acho que vale sempre a pena mesmo que as coisas não corram como nós planeámos.

Agradeço muito a sua colaboração.

Entrevista 11- A

Duração: 00:16:14

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
32	Meio sub- urbano	Pequeno comerciante	Ensino secundário	41 semanas

Quero agradecer a sua participação neste estudo e lembrar que o nosso diálogo será confidencial. A pesquisa tem como objectivo ouvir o relato das parturientes acerca da vivência do nascimento dos seus filhos e a sua relação com o espaço ambiental. Como combinámos será feito o registo magnético. Na transcrição a sua identidade será resguardada.

Gostaria de saber a sua idade.

Trinta e dois

Qual a sua ocupação?

Tenho um café, trabalho na parte da cozinha. Faço o que faz falta.

O café é seu?

É meu.

Qual a sua escolaridade?

Décimo segundo ano.

E onde é que mora?

Moro num bairro perto da cidade.

Tem morado sempre ali?

Sim

A gravidez durou quantas semanas?

Quando quarenta e uma

Como é que decorreu esse período da sua vida?

Correu bem muito bem. Só o facto da cabeça... (risos)

Então conte-me lá isso da cabeça.

O que é que quer que diga o médico disse que tinha a cabeça muito grande e depois podia ser complicado e eu tinha medo.

E então, como é que lidou com essa preocupação?

Andei um bocadinho nervosa, ansiosa, mas depois, ao falar com a enfermeira e a médica que me fizeram a preparação para o parto o medo desapareceu. Fui-me descontraindo e no fim já não me preocupava muito. Depois, as ecografias indicavam que ele não tinha a cabeça muito grande que não era assim tão grande (risos). Por isso, deu para ir acalmando.

Fez epidural?

Fiz.

Isso deu-lhe oportunidade para que tipo de experiência?

Foi muito bom porque se ele não fosse um bebé tão grande tinha sido uma maravilha não me tinha custado nada porque eu não senti uma única dor. Há grávidas que sentem algumas dores mas eu não. Eu não senti uma única dor por isso acho que foi muito bom.

Esteve alguma vez internada ali naquele serviço durante a gravidez?

Não

Lembra-se como é que decorreu o parto?

Sim

Quer-me contar então como é que foi essa experiência?

Sim entrei muito calma que até pensavam que eu estava ainda numa fase mais inicial do que na realidade me encontrava. Até comentaram “ah ela vinha tão, tão fresquinha” (risos) porque entrei muito calma. Não estava assim muito nervosa. Observaram-me e disseram que estava com quatro para cinco centímetros de dilatação. As dores ainda não estavam assim muito fortes. Depois, perguntaram-me se eu queria a epidural e eu disse que sim. Foram chamar o anestesista e levei a epidural. Foi muito tranquilo passei a noite a falar com a colega do lado (risos)

Foi bom então.

Foi. Demorou um bocadinho porque a bolsa das águas levou muito tempo a rebentar. Depois de me colocarem o soro aquilo acabou por rebentar. Foi mesmo rebentar e ir para a sala de partos. E depois na sala de partos é que foi mais complicado.

Foi rápido?

Não foi assim muito rápido. Ainda foi uma data de tentativas e depois, como não nascia, tiveram de chamar a médica que estava de serviço e depois foi com ventosa. Entretanto, a placenta era grande ficaram bocadinhos lá dentro e como eu estava com a epidural a médica aproveitou e foi ela própria retirar. Acho que se não fosse isso tinha-me custado muito, muito mais mas não foi assim. Fiquei um bocadinho dorido mas depois passou. Na altura não me custou.

Agora vamos falar do ambiente. Quando nós falamos de ambiente estamos a referir-nos ao

espaço ambiental, ou seja, as pessoas, os objectos, os cheiros a cor, a luz tudo que interage com as pessoas enquanto lá estão. Quando lá chegou foi atendida na sala de admissão.

Sim

Em relação a esse ambiente o que é que me tem a dizer. Lembra-se do espaço?

Acho que é a parte de que não me lembro assim muito bem. Acho que é a recordação mais vaga.

Esteve sozinha?

Estive sozinha. Quer dizer, o meu marido ficou lá em baixo. Não o deixaram entrar porque já passava da meia - noite. Estive sozinha mas fui bem acolhida. Não tenho razão de queixa. Senti-me bem.

A seguir passou para um pequeno quarto com três camas: a sala de dilatação.

Sim, eram três camas mas estávamos só duas

Portanto, esteve acompanhada com uma pessoa.

Sim, uma moça que já lá estava

Faço a mesma pergunta relativamente ao ambiente: como se sentiu no que se refere à privacidade, à maneira como as pessoas se relacionaram consigo, ao espaço físico, às sensações que teve em relação ao ruído, à luminosidade...

Eu acho que ali estava tudo bem.

O que é que sentiu?

Senti-me bem, senti-me bem estava tudo, tudo bem. Se fosse preciso também tínhamos privacidade porque eles corriam aquelas cortinas. Mas foi bom estar acompanhada eu sou muito tagarela (risos).

O seu marido não estava lá?

Não porque ele só podia subir de manhã. E então, falámos as duas.

E sentiu falta de alguma companhia mais íntima?

Um bocadinho. Acho que se ele estivesse tinha sido um bocadinho melhor. Ele subiu já quase na altura de o bebé nascer mas penso que isso era um aspecto a melhorar.

Portanto, ainda esteve acompanhada um bocadinho antes do parto.

Sim, deixaram-no subir era para aí nove e meia e o bebé nasceu às vinte para a onze. Ainda esteve aquele bocadinho. Na hora do parto ele acabou por ter que sair mas ainda estive para ai uma hora com ele.

Pensando nestas características do ambiente que eu já referi como por exemplo as pessoas, os objectos, o ruído, a luminosidade, o que lhe parece ter sido mais importante que tivesse tido influência na maneira como viveu o período em que decorreu a dilatação?

Acho que o mais importante foi mesmo o parto se ele pudesse estar mais tempo também era

melhor. Por outro lado a companhia da outra senhora foi muito importante porque ajudou o tempo a passar.

E então agora a última parte. Terminada a dilatação foi para a sala de partos portanto aí na sala de partos. Como se sentiu lá?

Estive uma parte do tempo acompanhada depois quando entrou a médica para aplicar a ventosa ele teve que sair. Mas naquele momento também não me fez muita falta.

Não? (risos)

Acho que me fazia mais falta lá na outra do que propriamente ali.

O que é que se lembra em relação ao ambiente dessa sala?

Acho que aquela sala é mais pequenina em relação à outra. É mais acolhedora porque tem tudo mais aconchegado.

E aquela movimentação toda à sua volta: aqueles ruídos, aquela luz...

Não, não me incomodou

O que é que foi mais importante para si ali em termos da relação com o ambiente

Acho que foi a simpatia das pessoas acho que sim acho que foram todos muito simpáticos e pronto não tenho razão de queixa de nenhum e acho que me ajudaram muito.

Portanto, é essa a imagem que guarda como sendo a mais importante no meio de todo aquele ambiente.

Sim. No princípio a pessoa vem assim um bocadinho aflita e acho que, graças a eles, tudo correu bem.

Há mais algum comentário que me queira dizer em relação a esta questão do ambiente e do parto?

Do ambiente gostei sempre. Não tenho razão de queixa da parte de ninguém tanto dos auxiliares como das enfermeiras, dos médicos. Apenas o ruído de andarem a fazer obras logo de manhã, aí às nove da manhã, é que me incomodou um bocadinho. Tirando essa parte correu tudo bem.

Agradeço muito a sua colaboração e desejo-lhe felicidades.

Obrigada

Entrevista 12 – C

Duração: 0: 39: 10

Dados pessoais:

Idade	Residência	Profissão/Ocupação	Habilitações Literárias	Idade gestacional
30	Meio sub- urbano	Pequeno comerciante	Ensino secundário	42 semanas

Quero, mais uma vez, agradecer-lhe a disponibilidade para participar neste trabalho e voltar a relembrar que tudo o que disser é confidencial. Logo que seja feita a transcrição das entrevistas este registo será destruído. Apenas me interessa conhecer a vivência do nascimento no que se refere à interação com o ambiente.

Certo.

Que idade tem?

Trinta.

Qual o seu nível de escolaridade?

Nono ano. Estou inscrita no 12º, mas como é por fases só é válido o 9º ano.

Pelo que vejo está a pensar em continuar a estudar.

Sim, 12º e por aí adiante... (risos)

Qual é a sua ocupação?

Actividade profissional na indústria do calçado.

Portanto, trabalha por conta própria. Reside aonde?

Em G... que é uma aldeia perto de A...

Foi onde residiu durante a gravidez?

Sim.

É a sua primeira gravidez?

Sim.

Qual foi a idade da gestação no parto?

32 semanas.

32 ou 42...(risos)

Sim, sim, 42 (risos)

Foi então uma gravidez longa e com uma história também longa...

P- (risos) ...sim, sim.

Quer falar-me dessa experiência? A gravidez como decorreu, como se passou todo aquele período...

Foi agradável, muito, muito, muito. Gostei muito de estar grávida. Todos os dias me olhava no espelho... (risos). Estava muito satisfeita...e depois foram aquelas fases de o bebé mexer. Foi tudo assim...muito especial...foi tudo novo para mim. Depois, quando nós fomos fazer a morfológica, aí é que me assustei muito porque me informaram que eu tinha diabetes pelo líquido...

...amniótico.

...amniótico. A técnica que fez o exame disse-me que estava com diabetes e eu fiquei muito assustada. Disse-me que íamos tratar do internamento em Alfredo da Costa e eu fiquei muito assustada. Portanto, não era nada. Acho que a técnica estava com muitos problemas...segundo conhecimentos que tivemos depois. Voltei a fazer outro exame com outro especialista e que me disse que não tinha nada. Tinha diabetes mais estabilizada que uma pessoa normal...sem estar grávida (risos). E fiquei descansada e até ao final da gravidez estive bem, tranquila. Ia sempre à farmácia ver a diabetes. Ficou sempre aquele medo...será que está tudo bem? De mês a mês ia sempre fazendo aquela picadinha e vendo se estava tudo bem. Ia sendo acompanhada pelo doutor....que também me ia vigiando e dizendo se estava tudo bem nas consultas de saúde materna e depois as outras consultas com o obstetra. Foi bom até uma determinada altura em que ele me disse para ir ter com ele ao hospital para fazermos um CTG que foi no dia 6 de Janeiro. Fiz 4 CTG's até a Laura nascer. No segundo exame acusava qualquer anomalia que não sei explicar. Não sei se já se detectava o cordão umbilical se era as batidas cardíacas do bebé.

Sim, é possível, é possível.

Qualquer coisa não estava bem e eu, primeira gravidez e tudo mais....

Assustou-se outra vez.

Assustei-me outra vez. E a coisa que mais me assustou foi: o médico que estava de serviço disse-me "olha, ficas cá e amanhã partimos para uma cesariana; não te preocupes, é normal, o bebé fica bem, tu ficas bem, não te preocupes..." Mas eu ia muito influenciada para um parto normal. Queria um parto normal, queria participar, queria uma sensação de mãe e filha, mas não foi nada assim. Pela manhã quando eu já estava preparada para a cesariana o doutor disse que não. Escreveu outra carta e eu voltava noutro dia. Eu ainda fiquei mais preocupada porque alguma coisa não estava bem.

Quantas semanas de gestação tinha então?

29, 31 e 32...

39, 40 e 41...

Exactamente e lá estou eu com as trinta. Às 39 semanas fui para casa e às 40 é que as coisas já estavam complicadas.

Aí regressou outra vez a casa.

Regressei outra vez a casa.

Quantos dias esteve em casa?

E depois, à 41ª semana ainda fui para casa mais 8 dias e depois voltei. Aí é que eu comecei a ficar com medo e com uma ansiedade terrível porque a enfermeira disse-me, mesmo à frente do doutor que não se responsabilizava se alguma coisa acontecesse. Eu aí comecei a ficar com medo e ainda pensei em recorrer a outro médico. Depois achei que já era tudo muito em cima da hora e ninguém ia ficar comigo, não sei se fiz mal, se pensei errado...o que é certo é que às 42 semanas, nesse dia pela manhã as coisas começaram bem e eu fiquei em indução. O doutor disse se eu queria epidural, quando nós entrámos, logo de início, eu disse que não, que gostava muito que fosse tudo muito normal, mais natural...E depois ele disse: “eu prefiro que seja epidural” e eu disse “então diga-me porquê”. Ele disse-me: “eu receio que a senhora... tenha uma bacia pequenita e que tenha dificuldade”. Eu disse “então pronto, eu assino a epidural”. Passado pouco tempo eu fiz uma dilatação de 4 cm fiz epidural e a partir daí as coisas começaram a ser um bocadinho mais assustadoras. O sistema começava a disparar sempre contínuo, com aqueles apitos assim agudos, e as enfermeiras assim com aqueles olhares, umas para as outras muito estranhos e eu comecei a perceber que alguma coisa não estava bem. Depois, ali mais perto da hora, uma senhora enfermeira descontrolou-se muito, pediu ao meu marido para sair “saia, saia” e deu um pontapé na cadeira; mandou chamar o doutor, assim histérica e outra colega foi pelo corredor a chamar aos gritos o doutor. Ele veio rapidamente. E depois aquelas coisas que me assustam: “não se mexa, deixe-se estar”... eu já não conseguia quase respirar, foi horrível.

Eu fiquei com medo porque comecei a deixar de sentir...comecei a ficar com formigueiro nos pés, o anestesista estava constantemente a perguntar-me se eu tinha esse formigueiro, e eu dizia-lhe que sim. Eles ficaram todos muito aflitos; ainda deu tempo de eles me tirarem de uma cama para outra – de uma cama de epidural, o que nunca acontece, segundo eles me disseram. Não havia tempo e eu não me podia mexer; fui deitada para o meu lado direito. Chegámos ao elevador que estava ocupado pelas senhoras da limpeza. Estivemos um quarto de hora à espera que o elevador desocupasse. As senhoras enfermeiras acabaram até por dizer palavrões porque estavam com medo do que pudesse acontecer, elas como técnicas sabiam muito melhor o que estava a acontecer, não é? Eu não me lembro de nada mas o meu marido diz que foi horrível. E quando chegámos ao bloco operatório estava o doutor e tudo mais e lembro-me destas palavras da senhora enfermeira que pediu ao meu marido para se sentar e ter calma porque não sabia o que lhe iria dizer quando abrisse a porta. E foram estas as últimas palavras que eu me lembro de ter ouvido e gelei completamente – fiquei com muito medo, muito medo, muito medo...não me lembro de mais nada. Fiquei a imaginar o que o meu marido teria ficado a sentir. Uma pessoa que ouve uma coisa destas sobre as pessoas que mais ama num sítio que não sabe o que lhes vai acontecer. E recordo-me que depois, já no bloco operatório uma senhora anestesista me pediu para eu me voltar de barriga para cima. O doutor... gritou lá do fundo com um

palavrão que eu não me podia mexer. A anestesista não perguntou mais porquê e colocaram-me uma máscara e a partir daí já não dei por mais nada.

Depois o acordar foi novamente assustador. Estava na sala de recobro ainda, estava mais uma senhora ao meu lado, e só ao fim de um bocadinho de eu estar acordada chegou alguém. Eu não conseguia falar por que eu creio que elas me colocaram um tubo na boca e tinha a garganta muito magoada (com ênfase) e a única coisa de que me lembro foi de a mesma anestesista ter chegado ao pé de mim, fez-me assim uma festinha na testa e perguntou-me se eu estava bem; eu não conseguia falar, abanei a cabeça que sim e pela minha boca ela percebeu que eu lhe perguntei pelo bebé e ela disse-me “a bebé está bem, está lá em cima com o pai e uma senhora que eu acho que é sua mãe...”. Eu fiquei assim descansada e comecei a chorar e foi uma coisa sem explicação. E depois ao fim de um bocadinho é que comecei a ficar assim molinha com mais umas dores - deram-me logo um analgésico... Pronto e depois fiquei assim bem, durante a noite e a enfermeira foi comigo para eu fazer chichi, perguntou se eu era capaz de fazer, se precisava de ajuda...fiz, fiz bem e já não tomei duche. Só tomei duche depois pela manhã também me ajudaram mas eu sentia-me bem mas ajudaram. Depois foi como dar o primeiro banho, também me explicaram, também foi muito bom. E... durante a noite era muito complicado nós chamarmos alguém porque era quase um sacrifício vir alguém junto de nós; sempre que nós tocávamos à campainha a pedir ajuda, seja aquilo que fosse, era difícil alguém vir com bom olhar, perguntar o porquê de nós tocarmos à campainha, qual era a nossa necessidade; nós de facto não tocávamos, com receio de ouvir uma má resposta. Era muito assim. Depois, os dias foram todos iguais. As nossas visitas, as rotinas das enfermeiras a fazerem a nossa higiene, a mudança de penso e tudo isso. O bebé esteve sempre bem e eu fiquei bem, fiquei bem. As enfermeiras aconselharam sempre a cinta. Assim, essa parte foi muito bom e deram assim essa ajuda.

Então, vamos voltar um bocadinho àquela fase anterior da vivência da gravidez: teve aí duas situações que a preocuparam. De resto, a gravidez correu bem. Acha que esses problemas ou essas preocupações tiveram uma interferência muito grande na forma como viveu essa experiência da gravidez? Conseguiu superar ou acha que teve alguma influência?

A questão da diabetes, eu consegui superar tudo. Na realidade, eu via todos os meses, que não havia diabetes, porque eu andava com cuidado sempre a ver – 15 em 15 dias, 3 em 3 semanas... eu vivia tranquila mas com a precaução de realmente ver se estava tudo bem. Mas acabou por não me preocupar porque eu ia tendo sempre a certeza que estava bem. O que me começou a preocupar e que eu comecei a não conseguir lidar com a situação foi: ir uma vez, saber que as coisas não estavam bem e voltar para casa. Isso sim, começou-me a preocupar e comecei a ficar, dia a dia com mais ansiedade. Todos os dias pensava: “Meu Deus, passa-se alguma coisa, todos os dias a enfermeira diz uma coisa, o doutor diz outra; eles não estão em parceria um com o outro, não falam...por é que não decidem logo? Se é para fazer uma cesariana fazemos, não há mal, é preferível assim do que correr

riscos... (achava eu)". E aí é que eu comecei a ter medo e a viver com ansiedade sem ser capaz de me controlar.

E não conseguiu que alguém lhe explicasse realmente o que se estava a passar, quais eram os receios...? Ninguém lhe dizia qual era exactamente qual era a preocupação?

Aquela senhora enfermeira que me disse que o cordão umbilical estava à volta do pescoço do bebé. E eu perguntei: "que hipóteses há?" "Tu nem imaginas, mas pode não ser assim tão mau". "Está bem, mas tu ontem falaste-me numa cesariana, hoje pela manhã o doutor discorda contigo e manda-me embora e tu, durante a semana toda foste-me ligando e perguntando se eu tinha perda de líquido, se eu estava mal disposta, se eu tinha sangue, qualquer coisa que eu sentisse que te ligasse e que fosse imediatamente. Portanto, eu ainda acho que a enfermeira teve... (não sei se é bem a palavra) medo de ir sobre a autoridade do médico, foi o que eu achei nesse momento. E ela tentou nesse momento que eu ficasse ou se, por causa dela mesmo, para não contradizer a palavra do doutor. Eu acho que ela, para não ir para além da palavra do doutor, acomodou-se e tentou dizer-me assim as coisas para que eu me acalmasse, que ia ser bom, que o facto de o cordão umbilical estar à volta do pescoço do bebé... Foi assim praticamente. Agora explicarem-me ou transmitirem-me calma e dizerem-me que não havia mal nenhum com toda a certeza não, ninguém me disse. E o doutor, propriamente, é uma pessoa fria e distante. Nunca teve uma palavra (não é de amizade porque não é isso que nós esperamos), sei lá, de afecto, qualquer coisa que nós não ficássemos com medo, a pensar mal; é uma pessoa fria, distante, faz o trabalho dele e não tem mais nada a dizer. Foi muito assim.

Portanto, esteve internada naquele serviço só por uma noite mas, ficou sem conhecer o serviço na sua totalidade.

Sim

Quando entrou pela segunda vez lembra-se dos espaços que percorreu?

Estive primeiro numa sala pequenina...

Que é a sala de admissão.

Sim, sim.

Nessa sala, lembra-se das sensações que teve no que diz respeito ao ambiente, sabendo que deste fazem parte as pessoas, os objectos, a luminosidade, a temperatura da sala, a disposição dos objectos na sala...o que é que sentiu, nesse conjunto de pessoas, cheiros ruídos... o que sentiu naquele ambiente que queira relatar?

Na sala está tudo muito junto e quando nós entrámos estava uma senhora enfermeira de cabeça baixa..."responda-me a este questionário...." nós respondemos e..."vá ali para a marquesa que o doutor já vem". Quer dizer, é tudo muito frio. Não sei, se foi por ser a primeira vez; acho que qualquer mulher que tenha 4 ou 5 filhos nunca nada é da mesma maneira. Eu tive a primeira mas, se calhar quem tem o segundo ou o terceiro se calhar é tudo quase como se fosse o primeiro por que é sempre diferente. Isto

é uma ideia que eu tenho, não sei se é verdadeira. Mas...aquilo para elas é uma rotina: temos de preencher o questionário, mandar deitar a doente, o doutor já vem ver, pronto. Assim, é tudo assim, dá uma sensação de despacho do tipo “vá despacha-te que está ali outra pessoa à tua espera...” à espera que eu saia para entrar outra mãe. É assim.

A sala: logo a entrada da sala é assustador porque vestimos uma bata horrível que aquilo não se percebe nada. Eu praticamente...não há assim aquela coisa acolhedora que nós digamos “olha, estamos num cantinho confortável, com uma pessoa simpática a fazer a nossa primeira entrevista de mãe, como se chama o pai, enfim, todos aqueles pormenores que nós éramos para estar a responder e éramos para estar com bom agrado e nós parece que estamos a responder...quase como a expressão que se costuma dizer “para a força”, porque aquilo é...eu sinto-me assim e comigo foi assim. Só se fui em mau dia...

Então, portanto, foi nessa sala onde ficou algum tempo e depois foi para casa. Quando regressou, na vez seguinte, outra vez a mesma sala, outra vez a mesma situação ou algo de diferente?

Nessa altura ainda foi pior. Foi voltar ao mesmo sítio, foi ver tudo de novo, sem saber o que é que ia ser de mim, se ia ficar, se ia novamente para casa com o mesmo medo que fui da primeira vez. Acabou por ser uma rotina cada vez mais assustadora.

Mas no ambiente constituído pelas pessoas, pelos objectos, pela temperatura, pelo ruído, cheiro, por tudo aquilo que possa constituir o ambiente o que é que desta segunda vez pode ter sido mais relevante para si?

Lembro-me que fui atendida, nesta vez, por um doutor bastante simpático e até foi bastante brincalhão. Estava na altura e era o obstetra e disse-me que tinha de aguardar porque como estava lá escrito que eu ia pela segunda vez para fazer a indução que naturalmente era para ficar mas que teríamos de falar com o doutor que me estava a seguir a gravidez. Foi extremamente simpático! Era um senhor com uma idade já mais avançada. Foi simpático, mandou chamar o meu marido, estive à conversa connosco, transmitiu-nos aquela paz que nós vínhamos à procura de início. Deu-nos uma estabilidade, foi meigo, delicado...até pequenos pormenores...”mãe, vista-se bem, tape-se porque a porta vai abrir...” coisas que nós gostamos de ouvir, eu falo por mim, naquela altura, naquele sítio porque é um hospital e não sabemos se as coisas vão correr bem se vão correr mal. Nós entramos a querer que as coisas corram bem; no ponto de partida todos pensamos que as coisas vão correr bem e acho que é importante quando encontramos uma pessoa que nos transmite a impressão de que as coisas vão correr bem porque ficamos com a impressão de que mesmo que as coisas corram mal parece que não é tão mau. Pelo menos já temos um aconchego de alguém, um apoio, o conforto, o carinho das pessoas que estão à nossa volta e, naquela segunda vez, eu consegui isso com aquela pessoa que lá estava.

E então, houve uma terceira vez.

Houve uma terceira vez...

Ainda estamos no mesmo espaço e vamos reflectir acerca desse contexto: pessoas, objectos, a privacidade...o que tem a dizer?

Entrei a achar que ia ser bom como da última vez a achar que ia encontrar uma pessoa bem disposta que me transmitiu paz, tranquilidade, que respeitou a nossa privacidade, mandou chamar o meu marido. Mais ninguém tinha deixado o pai entrar, o pai tem tanto direito quanto a mãe, em estar nas consultas, em ouvir, responder. Entrei a pensar que aquela pessoa iria estar à minha espera. Mas não, quando cheguei estava lá outra pessoa, igual à primeira vez, arrogante, a despachar serviço – pronto, digamos assim.

E essa pessoa era um técnico...?

De início foi uma enfermeira e depois voltou a ser o meu médico de acompanhamento do início da gravidez, o obstetra.

Agora, vamos pensar na segunda fase. O segundo compartimento ou área onde permaneceu foi a sala de dilatação. Ainda esteve algum tempo e ali se desenrolaram alguns acontecimentos que já referiu há pouco, já me esteve a contar algumas coisas que tinham acontecido. Centrando-se outra vez no ambiente daquela sala, na companhia que teve: havia mais pessoas consigo naquela sala?

Na segunda vez que eu fiquei, não havia. Estava somente eu naquele quarto, naquela sala. Na terceira vez é que estava mais uma senhora.

Portanto, das três vezes houve duas em que esteve acompanhada e uma em que esteve sozinha. Houve alguma diferença no decorrer dessa sua permanência...em relação ao ambiente, ao facto de estar acompanhada por outras pessoas, pelo facto de estar com o seu marido, pelo facto de estar noutra sala...o que é que variou aí, na relação com o ambiente, pensando neste como sendo constituído pelas as pessoas, os objectos, as pessoas, o ruído, a temperatura, enfim, tudo o que faça parte do ambiente.

Foi diferente de uma para a outra, mas a aparência é a mesma. Na primeira vez senti-me com outro conforto porque estava só eu e o meu marido, para nós era tudo novo, enfim, há ali uma certa...nós nunca estamos muito à vontade, não é. E então estávamos só nós os dois e parece que estávamos melhor. Mas, como eu fiquei na segunda vez com outras pessoas achei que estava melhor acompanhada. Eu tinha a ideia que sozinha estava bem, mas não, depois achei que realmente a companhia...um pai diz uma piada, depois outro diz uma gracinha e acabamos por rir os três. Estamos três mães e três pais e uma mãe diz “o meu filho há-de ser assim...” Nós acabamos por conversar, por gostar e o tempo passa mais rápido, com outra harmonia. Os técnicos vão e vêm que nós estamos numa conversa, numa boa disposição e acham bem “só quando nos chamarem é que nós vimos”, não andam lá muito a ver de nós. Não sei se é bom, se é mau, mas não ouvi muitas queixas das mães que

ali estavam na altura comigo e acabou por passar assim. Depois, na terceira vez, porque na primeira vez praticamente não fiz nada. Da última vez é que então estava uma senhora ao meu lado assim muito queixosa e eu estava a tentar perceber todas as palavras que ela dizia e o que os técnicos lhe diziam "...não respire, respire, deixe estar...".Querida tomar muita atenção ao que se estava a passar porque eu, como grávida não estava a sentir nada do que ela sentia e como nunca passei por nada, nunca tive contracções antes, nada disso e portanto estava a tomar muita atenção ao que se estava ali a passar. Entretanto, chegou a minha hora de ir então para a epidural: sem dores, sem contracção, sem coisas mínimas, sem sinais mínimos que não era nada insuportável como aquela mãe que estava ali...Propriamente a estadia nas salas foi assim.

Há pouco, referiu um aspecto que considero interessante em relação à privacidade. Disse-me que na primeira vez estiveram sozinhos e sentiram um envolvimento diferente; na segunda vez, terceira e quarta estiveram acompanhados e houve a oportunidade de certificar que afinal sempre é bom estar acompanhado. Mas, em relação à sua privacidade e no que se refere à presença das outras pessoas e quando era necessário fazer alguma observação, devassar um pouco mais a sua intimidade, o que é que sentiu?

Senti-me bem com os técnicos porque eles tinham o bom senso de pedir sempre aos que estavam como acompanhantes para se retirarem porque precisavam de fazer uma observação ou para a pessoa fazer as suas necessidades; corriam-nos as cortinas e estávamos muito à vontade, senti-me sempre bem.

Ainda nessa sala onde estive antes do nascimento da bebé o que sentiu relativamente ao ambiente, no que se refere ao ruído, luminosidade, cheiros...

Durante o dia as senhoras da limpeza fazem muito barulho, gritam muito umas com as outras: "...traz-me lá uma embalagem...", "...viste ontem a novela?...", "...ontem fui às compras...". Permanentemente, nós estamos a ouvir aquelas conversas. Mas...das senhoras enfermeiras, não; sentimos, sentimos a presença do trabalho, a presença das pessoas a andarem, a falarem, mas até nos sentimos bem embora estejamos ou com o sono leve, ou mesmo a tentar tranquilizar, descansar somente; nós conseguimos porque aquela presença nos faz falta. Mas por exemplo, com a outra parte, as senhoras da higiene e limpeza, nós não conseguimos: os carrinhos que elas transportam, porque lhes faz falta para fazer a higiene dos quartos e tudo, fazem muito barulho – aquelas rodas, aquelas latas, tudo aquilo faz muito barulho; e depois, aquelas senhoras conversam muito alto e coisas que para nós não têm muita importância, para elas naturalmente tem mas para nós ali naquele momento, eu sei que é o dia a dia delas e têm que conversar, não é...eu até respeito isso, embora me tenha incomodado. Mas não foi sempre. São momentos em que isso incomoda mais embora o barulho seja muito. Durante a noite não, durante a noite para mim foi calmo.

Acha que, ainda em relação ao ambiente, houve alguma questão importante que considera ter interferido no desenrolar do trabalho de parto, uma vez sozinha com o seu marido e da outras vezes acompanhada. O que acha ter sido o aspecto mais interessante que tenha interferido positiva ou negativamente durante toda essa fase?

...positivo foi a companhia, a insistência das senhoras enfermeiras "...tem fome tome lá um quadradinho de marmelada..."...aquela presença delas comigo, sempre a perguntar se eu estava bem, muitas vezes, muitas vezes chegavam perto de mim e faziam-me uma festinha, chamavam-me por graça a "mãe caçula" porque as senhoras que estavam ao meu lado tinham mais filhos, isso foi muito positivo. Eu suponho que elas conseguiam transmitir um pouco de calma porque nós estamos um bocadinho com ansiedade, com medo...

Negativo...foi o facto de me esconderem, talvez a verdade...não sei se é bem assim, mas eu acho que se as coisas não estivessem bem como não estavam tinham-se resolvido as coisas logo da primeira vez, não vejo porquê deixar-me chegar às 42 semanas. Foi um sofrimento para mim, a cesariana foi feita, como se costuma dizer, em cima do joelho, foi tudo à pressa e assim acho que teria sido muito benéfico para mim saber logo da primeira vez que viram que as coisas não estavam bem porque eu tinha saído de lá mais calma. Assim, eu saí revoltada, a olhar-me no espelho e ver uma cicatriz horrível e isso tudo. Eu ainda não me consegui entregar a esta forma de estar agora e dizer assim: paciência! Ainda não consegui entender que foi assim porque teve de ser. Culpo porque passei por estas três fases e acho que se tivéssemos resolvido logo à primeira as coisas não estavam assim e eu não tinha ficado prejudicada neste aspecto. Acho que este foi o aspecto mais negativo foi não ter havido ali sinceridade ou honestidade.

Bem e agora tem um lindo bebé, saudável e para a próxima irá correr tudo melhor...

Sim, espero bem que sim (...risos).

Agradeço muito a sua participação neste estudo.

Obrigada